

Blumenau em Cadernos

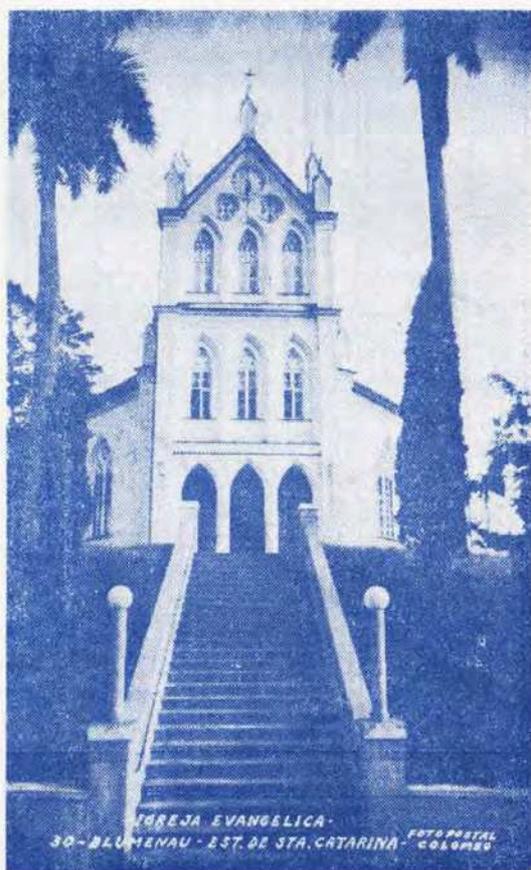
TOMO XXXVII

Agosto de 1996

Nº. 8

Efeméride histórica do mês

Com grandioso programa de festividades que se realizaram nos dias 8 a 11 de agosto de 1957, a Comunidade Evangélica de Blumenau comemorou seu centenário de existência.



IMPRESSO

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU, EDITORA DESTA REVISTA, TORNA PÚBLICO O AGRADECIMENTO AOS AQUI RELACIONADOS PELA CONTRIBUIÇÃO FINANCEIRA QUE GARANTIRÃO AS EDIÇÕES MENSAIS DURANTE O CORRENTE ANO :

- AIGA BARRETO M. HERING
- ALFREDO LUIZ BAUMGARTEN
- ALTAMIRO JAIME BUERGER
- ANTÔNIO ROBERTO NASCIMENTO
- ARIANO BUERGER E FAMÍLIA
- ARMANDO LUIZ MEDEIROS
- ARTHUR FOUQUET
- AUTO MECÂNICA ALFREDO BREITKOPF S/A.
- BENJAMIN MARGARIDA E FAMÍLIA
- BUSCHLE & LEPPER S/A
- CASA FLAMINGO LTDA.
- CLICHERIA BLUMENAU LTDA.
- COMPANHIA COMERCIAL SCHRADER
- COOPERATIVA DE CONSUMO DOS EMPREGADOS DO GRUPO HERING — COOPERHERING
- CREMER S/A. PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS
- CURT FIEDLER
- D. G. S. — FACTURING FOMENTO COMERCIAL LTDA.
- DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.
- GENÉSIO DESCHAMPS
- GRÁFICA 43 S/A IND. E COM.
- ENGEPROM ENGENHARIA, PROJETOS E MONTAGENS LTDA.
- HERING TÊXTIL
- HERWIG SHIMIZU ARQUITETOS ASSOCIADOS
- HOH, — MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS S/A.
- JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.
- LINDNER ARQUITETURA E GERENCIAMENTO S/C LTDA.
- MADEIREIRA ODEBRECHT LTDA.
- M. J. T. REPRESENTAÇÕES E SERVIÇOS LTDA.
- NELSON VIEIRA PAMPLONA
- NIELS DEEKE
- PADRE ANTÔNIO FRANCISCO BOHN
- PAUL FRITZ KUEHNRIK (in memória)
- PICKLER CONSTRUÇÕES LTDA.
- POSTO HASS LTDA.
- RESTAURANTE A NAPOLITANA — RODÍZIO DE MASSAS
- SCHRADER S/A. COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES
- SILVIO PAULO ARALDI, ADVOGADO E FAMÍLIA
- TEKA — TECELAGEM KUEHNRIK S/A.
- TRANSFORMADORES MEGA LTDA.
- UNIMED — BLUMENAU
- VICTÓRIA E WILLY SIEVERT
- WALTER SCHMIDT COM. E IND. ELETROMECÂNICA LTDA.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXVII

Agosto de 1996

Nº. 8

SUMÁRIO

Página

Verbetes para Dicionário de História (9) — Theobaldo Costa Jamundá	226
Curiosidades de uma Época LII — S.C. Wahle	229
Que fim levou a minha Blumenau? — Ruy Moreira da Costa	230
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	234
Memórias de uma imigrante — Maria Schürmann Huber — Trad. Valburga Huber	236
Reminiscências de Ascurra — Atilio Zonta	240
Registros de Tombo de Brusque (VII) — Pe. Antônio Francisco Bohn	241
Aconteceu... há 50 anos passados — José Gonçalves	244
Jornais do meu tempo (I) Gervásio Tessaleno Luz	245
Aconteceu... — Julho de 1996	246
Reminiscências da 15 — Werner Henrique Tönjes	247
Provérbios do tempo de minha infância — José Gonçalves	248
Andanças com bicicleta pelo Vale do Itajaí entre 1912-1938 — Otto Stange	249

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

Propriedade da FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Editor responsável: José Gonçalves — Reg nº. 19

Assinatura por Tomo (12 nºs.) R\$ 20,00

Número avulso R\$ 5,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) R\$ 40,00

Rua 15 de Novembro, 161 — Caixa Postal 425 — Fone 326-6787

89010-001 — BLUMENAU — SANTA CATARINA — BRASIL

VERBETES PARA DICIONÁRIO DE HISTÓRIA (9)

THEOBALDO COSTA JAMUNDA

1. AINDA OS POMERANOS

A presença do pomerano na "KOLONIE BLUMENAU" admite afirmar que foi o imigrante, adequadamente, necessário por ser ele pleno de tradição rural: **criatura de profundas raízes em aldeias rurais seculares.** — **ENTRETANTO falta a pesquisa instrumento do desenvolvimento desta hipótese.** — **QUEM VEIO DA POMERÂNIA?**

Na informalidade de conversa, é permissível enxergar que o pomerano foi alvo de interpretações equivocadas. E às vezes: (1) Sendo identificado como alemão; (2) Ou relacionado como polonês. — Sabe-se que muita gente imigrada chegou ao chão brasileiro com o passaporte alemão não sendo natural da Alemanha.

A nossa vivência no médio Vale do Itajaí num período que beirou vinte anos (1939 a 1959) permitiu ver algo assim como discriminação incidente sobre os herdeiros dos pomeranos. E também definir que tal comportamento era impressionismo transmitido de avô para neto, e de pai para filho. E também que fora transmigrado. Por certo incompatibilidade alicerçada na geopolítica da Europa central.

Veja-se que a empresa colonizadora do Dr. Blumenau tem início em 1850. E que desde 1815 a Pomerânia inteira estava anexada à Prússia. E não se deixou fora a avaliação do ocorrido no território colonizado pela "Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897". É por ela que vem parecer nas dominâncias da bacia do rio Itajaí-do-norte (rio Hercílio), interior da colônia, as linhas de colonizações com os topônimos: (1) Stettin; (2) Nova Breslau. Estes dois topô-

nimos sugerem reflexões dedutivas. E muito mais que resultantes de nostalgia. Embora se tenha conhecimento que personagem destacada na locação dos lotes por ali o eng. Emil Odebrecht nasceu num distrito de Stettin chamado Jakobs-hagen a 29.03.1835. O que significa ter residência e domicílio na geografia política de uma das Prússias, pois existiam duas: (1) A ocidental e a oriental; (2) Também da Pomerânia dividida pelo rio Oder se conhecia as existências de duas: a ocidental e a oriental. Não se pode deixar de imaginar que o aparecimento dos topônimos antes mencionados colheram aplausos de Carl Fabri e de A.W. Selin, também personagens liderantes na "S.C. Hanseática de 1897". E que "Stettin" foi assentamento germânico entre 1200 e 1250 e também está no mapa do poderoso Império germânico medieval.

Quem da a informação é a História política da Europa central, onde também se acha que a Conferência de Potsdam realizada a 17.07.1945, no castelo do mesmo nome, e muito destacado por ser morada de verão dos reis da Prússia, estimulou a palavra dos maiores: (1) Pela Grã-Bretanha, Churchill (1874-1965); (2) Pelos EUA, H.S. Truman (1884-1972); (3) E pela então URSS, J. Stalin (1879-1953). — E juntos traçaram novas fronteiras.

E aí na mesma geografia onde as linhas de fronteiras foram modificadas conforme a vontade de vencedores, a Pomerânia e a Prússia podem ser destacadas. E requerem competentes para distinguí-las entre germânicos. E o visual da geografia política de hoje mostra: (1) Stettin sendo SZCZECIN; (2) Breslau, aquela da baixa Silésia, sendo

WROCLAW. — Sabe-se com certeza que a geografia dominante do rio Oder não foi mudada. A sina da cidade de Stettin, é continuar escravizada pela bestialidade política. E neste raciocínio imagina-se que se existia algum elo nostálgico com BRESLAU que ali chegou com a “S.C. Hanseática de 1897”, ficou prejudicado, visto que na mesma baixa Silésia a cidade dominante é Wroclaw. Breslau já foi...

2. QUATRO CENTENÁRIOS DE 1897

Começar com a personagem de um educador ainda sem a homenagem justa pelo que ofereceu conscientemente. Começar com o frade Ernesto Emmendoerfer OFM., nascido em Gaspar, SC, a 04.01.1897, filho de Antonio Emmendoerfer (muito conhecido pela individualização: “Antonio-padeiro”) e Regina Gern. Dos Emmendoerfer germânicos e badenses foi Sebastian nascido aos 19.03.1814 e casado a 06.11.1843 com Anna Maria Bechtold que veio para ocupar lote na Colônia dirigida pelo Barão von Schneeberg, atualmente, o município: Brusque, SC. O brasileiroamento da família começa em 1860. E sessenta anos depois ou seja, a 07.04. 1920 com o nome de Emmendoerfer oferece a personalidade do frade que dirigiu o Colégio Franciscano Santo Antônio durante 26 anos. Para alunos, amigos e Zé-povo foi, singularmente, “Frei Ernesto”. Morreu em Trier (Alemanha) foi sepultado no cemitério do Convento do Mörmtier, Diocese de Münster. **É indimensionável o que a sua memória é devido como educador e como agente de alto nível de preservação da Memória brasileira com marca catarinense e características blumenauenses.**

Imagina-se que na comemoração do centenário do seu nascimento lhe seja oferecida a prova de gratidão pública a sua memória.

a) OUTRO CENTENÁRIO/1997:

este diz diretamente com a atividade de povoamento pelos ares do rio Itajaí-do-norte como finalidade da “Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897”. Desta apareceu no território de Blumenau a 13.03.1912, o distrito: HAMÔNIA. (José A. Boiteux registra, registra in “Dicionário Histórico e Geográfico” (1916): “HANSA — EM 1897 HANSE-ATISCHE KOLONISATIONIS — GSELLSCHAFT MIT BESCHRAENKTER HAFTUNG”) (...)

Dentro da época desse evento progressista governava Blumenau na qualidade de superintendente, o dinâmico político Otto Stutzer e na presidência do conselho municipal estava a personalidade forte do conselheiro Pedro Christiano Feddersen.

O transcurso do centenário desse povoamento é oportunidade para conjuntamente, blumenauense e ibiramense, fixem homenagem pública aos que fizeram aquela empresa de colonização funcionar. É claro abrindo destaque para os que nela foram pioneiros: A.W. Selin, Carl Fabri e Emil Odebrecht.

b) MAIS UM CENTENÁRIO/1997:

Este chega relacionado com o sábio doutor Fritz Müller, alemão nascido na aldeia Windischholhausen a 31.03. 1822. Ele e o irmão chegaram em São Francisco propositados em ficarem na Colônia Dona Francisca. Os imponderáveis desviaram os dois para a “Kolonie Blumenau”. Imigrantes como outros porém sem o convite do Dr. Blumenau, sujeitaram-se a discriminação: (1) Pagarem pelo lote custo financeiro 100% mais alto; (2) E em local sem vizinhança.

O doutor Fritz Müller, foi um imigrado porém não foi um colono. O irmão que era jardineiro assumiu a carga que o doutor seu irmão de mãos finas não poderia. Neste raciocínio se acha doutor Fritz Müller com as condições de pesquisar, pesquisar e pesquisar. E porque residente e domiciliado foi en-

volvido pelo ambiente. **E quando faleceu a 21 de maio de 1897 ali em Salto Weissbach, era munícipe blumenauense categorizado na distinção mundial de "Príncipe dos observadores"** — Tal dignidade lhe foi dada pelo inglês Charles Darwin (1809-1882). (Li e ouvi esta referência em José Ferreira da Silva).

O sábio doutor darwiniano enraizando-se pelas potencialidades da mata da bacia do rio Itajaí, acabou-se na aparência, porém só aparentemente. O racismo e o ateísmo foram com ele para o túmulo.

Quem no território catarinense por primeiro escreveu sobre ele, foi o caçador de blumenauensidades: José Ferreira da Silva (1897-1973). E avaliou que ele era uma das categorizadas como indimensionáveis. E pelos dedos se pode contar alegações: (1) Integrou-se na vida colonial, na da vila e na da cidade, a sua vida de 75 anos tem a parte de 45 deles no Brasil dos catarinas; (2) Ser o varão do ramo genealógico dos Müller; (3) Ter alcançado conceito mundial entre os darwinistas convictos; (4) Estar sepultado no mais antigo cemitério luterano de Blumenau; (5) Ser homenageado através monumento que em Blumenau-cidade é o mais artístico.

De tudo tira-se conclusão que, o transcurso da data de falecimento do sábio doutor, venha merecer relembrente homenagem.

c) E AINDA OUTRO CENTENÁRIO/1997:

Nasceu na paisagem do rio Tijucas (Tijucas, SC, microrregião do mesmo nome) e de 1897 a 1973 chamou-se substancialmente, **JOSÉ FERREIRA DA SILVA**. — Foi personalidade forte introspectiva.

Salientou-se como político. Foi maduro como historiógrafo. Quem o colocou no governo dos blumenauenses foi a legalidade do Estado Novo: aquele das "Coisas boas e das Coisas ruins". Am-

parado na legalidade atribuída ao município, o prefeito José Ferreira da Silva divulgou Blumenau, sua gente, seu parque industrial, sua paisagem humana, seu equipamento de lazer, as manifestações de sua inteligência, as razões do blumenauense, efetivamente, ser **BLUMENAUENSE**.

— Prefeito, foi pregoeiro oficial do bolsão cultural que o isolamento espacial elaborou; historiógrafo informou como o bolsão cultural veio desde de lá da 1850.

Entendendo-se político não saiu do ofício de politicar, e recomendou aos blumenauenses que, remar contra a maré, desnecessariamente, seria desprezar o uso do bom senso. A sua experiência política foi alicerçada na experiência da vida bem vivida. E as duas experiências ele usou para apresentação de Blumenau como resultante do trabalho do braço estrangeiro imigrado. No seu tempo prefeitoral, o presidente Getúlio Vargas visitou a cidade, e ele o prefeito sentiu a culminância do momento e bailou com a cidade inteira a vaidade excepcional.

E tudo aconteceu quando estava sendo legalmente aplicada a legislação nacionalista e nacionalizadora do presidente visitante. Daí uma tensão forte alimentou-lhe preocupação: poderia acontecer ausências e ausências no banquete congratatório do Teatro Carlos Gomes. Só os íntimos entre os quais estávamos com Alfredo Rodrigues, Bruno Hildebrando, Gil Fausto, e sua dedicada mulher, tivemos conhecimento. O que responsabilmente, imaginou não aconteceu. E ele colheu os frutos da visita presidencial. Blumenau de 1940 em banquete de confraternização com o presidente Getúlio Vargas, ilustrou com destaque a vida política de José Ferreira da Silva. **A única explicação para o acontecido, é que ele sabia usar, adequadamente, a astúcia natural do mestiço brasileiro: só remar contra a maré quando forçado.**

Ele fora o arquiteto do cor de rosa

blumenauense no banquete do Carlos Gomes. E o comandante do 32 B.C., major Brayner, disse-lhe, que o comportamento comunitário fora patriótico. — **Com ar de riso dentro dos olhos emendou: entendo que foi, inteligente...**

Aquela sua astúcia foi jeito que usou vezes e vezes favorecendo Blumenau a terra e a Blumenau a gente. E com ela vem salientada a prova da imensa dedi-

cação. Ele fará amanhã em 1997 um centenário de nascimento, e neste ano 23 anos que faleceu. E além da imortalidade que confere a Academia Catarinense de Letras ao escritor, ele tem a que existe nas dependências da Fundação Cultural de Blumenau, pelo acervo distribuído: (1) no Museu da Família Colonial; (2) no Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva".

BIBLIOGRAFIA DE APOIO :

"MOCIDADE" (Colégio Santo Antônio) Blumenau, SC, 30.10.1934.

JOSÉ FERREIRA DA SILVA, Carta aberta a um educador, dez. 1953, Blumenau, SC.

"CIDADE DE BLUMENAU" (Blumenau, SC) 28.07.1968.

"JSC" (Blumenau, SC) 24 e 25.02.1980.

IVALDO PAULI, Sentido catarinense e brasileiro de Fritz Müller, Blumenau, SC, 1973.

JOSÉ FERREIRA DA SILVA, Entre a enxada e o microscópio — o colono Fritz Müller. Blumenau, SC, 17.05.1971.

MOACIR WERNECK DE CASTRO, O Sábio e a floresta. Rio de Janeiro, RJ, 1992.

CLARAVAL, Primeiro centenário da chegada da família Emmendoerfer ao Brasil — Dados e dados históricos 1860-1960. Jaraguá do Sul, SC, 1960.

Curiosidades de uma Época - LII

O Chato

S.C. Wahle

1995

O professor Gama da Escola Nacional de Engenharia, costumava dizer que na escola havia dois acessos: uma escadaria central e duas rampas laterais. A arquitetura das rampas era para permitir o acesso de viaturas de tração animal, que paravam na entrada principal, permitindo aos passageiros poder entrar no prédio, abrigados das intempéries. O professor Gama, conhecido pelos alunos como professor Gamão, dava a estes acessos um outro sentido. Quando um aluno não prestava atenção e não tinha condições de responder ao que estava sendo questionado, costumava perguntar se ele entrava pelas escadarias ou se subia pelas rampas.

No dia 23 de outubro de 1941 ao me dirigir a escola, subindo a escadaria e ao entrar no saguão, reparei que estava sentado no lado esquerdo num banco, como de hábito o Chato, com a bolsa enfiada junto às suas pernas, com um pequeno pacote azul achatado no colo, conversando com o professor Otacílio Novais. Ao me perceber veio ao meu encontro gesticulando com uma mão o pequeno pacote e com a outra um jornal.

O Chato era um vendedor de gravatas de fabricação caseira. Ao se encontrar comigo, abriu o jornal e mostrou-me na terceira página, a notícia de que eu tinha vencido a prova Guanabara da Semana

da Asa, no dia anterior. Pediu-me que aceitasse o pacote como presente pela minha vitória. Era modesto, mas como ele disse era do coração. Vinha entrando o Berek Kuperman, um bom colega, judeu polonês com o qual eu me dava muito bem. Quando ele soube da razão da festa que o Chato me fazia, pedi-lhes que mantivessem discreção, pois de acordo com o meu temperamento, não gostava que esta notícia se espalhasse. Ao abrir o pacote do Chato, vi com surpresa que não era uma gravata de fabricação caseira, mas uma gravata de seda italiana, que nas lojas era bastante onerosa. Foi aí que vi quem realmente era o Chato.

Nunca consegui saber o verdadeiro nome do Chato. Ele passava a maior parte do dia sentado no saguão de entrada com a pasta encebada, sempre no chão encostada às suas pernas. Nunca estava só, mas sempre ou em companhia de alunos ou de professores,

entre os quais, distinguia-se o professor Otacilio Novais. Nunca faltavam alunos que aproveitavam as horas sem aulas, para bater um papo com o Chato. Chato era italiano e vendedor de gravatas (mascate). Quando eu o conheci já estava há mais de 20 anos frequentando a Escola Nacional de Engenharia. Gostava muito quando o Leonardo Gattij trocava algumas palavras em italiano com ele.

Eu não me lembro ter comprado uma gravata dele. Não era desagradável, nem insistente ao tentar vender, pelo contrário, era muito discreto e delicado. Mas oportunamente um ou outro aluno comprava uma gravata. Era uma pessoa que lia diariamente o jornal e com isto tínhamos uma fonte de informações.

O Chato apesar de ser uma pessoa simples, era também educado e benquisto. Tanto é que algumas turmas depois da minha, o Chato entrou como Homenagem Especial num Álbum de Formatura.

Que fim levou minha Blumenau?

Que fim levou minha Blumenau?

Que foi que fizeram de ti minha cidadezinha?

Esse trânsito maluco, onde todos parecem acometidos da mesma loucura.

Passar à frente de todo o mundo a todo o custo.

Chegar antes de todos e subir no pódium.

Que fim levaram os carros de mola, que iam com calma, o boleeiro amigo nem chicote usava, os cavalinhos batendo as ferraduras nos paralelepípedos da rua Quinze e

quando tinham vontade soltavam bolas de bosta à vista do freguês, sem cerimônia?

Que fim levaram os passeios aos domingos de carro cedido pelo pai, subindo até a praça do Luiz Delfino, descendo até a pracinha da rua das Palmeiras, num vai e vem contínuo até gastar os dois cruzeiros de gasolina?

Que fim levaram os bailes da Itoupava Central, onde as coloninhas cheirando a sabonete de sândalo, dentinho de ouro, sorriam quando eram apertadas nos passos de dança?

Não se dançam mais valsas rodadas, nem sabem mais como se dançavam.

Nossa geração foi a última que sabia dançar valsas.

Que fim levou a sorveteria Rex do começo da rua Quinze, com seu sorvete delicioso de abacaxi com creme ?

Que fim levou a Confeitaria Socher do outro lado da rua, com seus doces cheios de nata e suspiro ?

Que fim levou a Confeitaria Polar das tardes de domingo, depois da sessão de cinema do Cine Busch ?

Que fim levou o Cine Blumenau, com seus filmes de índio que o Seu Figueiredo mandava vir às toneladas ?

Que fim levou o melhor Apfels-trudel do Sul do mundo com aquele café gostoso do Caffe Haus.

Há alguns dias comi o pior Apfelstrudel no Neumarkt, empapado, rançoso, com café servido por um gurizão mal humorado.

Que fim levaram as balconistas bonitas que atendiam em alemão ?

«Was wünschen Sie ? Was hätten Sie gern ? Was soll sein ?»

Os garçons de uniforme, gravata borboleta, impecáveis, sempre amigos da Gruta Azul, que fim levaram ?

Só vi o Tassilo Grahl como o último representante deles ainda trabalhando. Mas o tempero já não é mais o mesmo, nem é mais Gruta, é Sobrado.

Que fim levaram aqueles doces de natal, os Weihnachtskuchen, feitos com sal amoníaco, enfeitados com açúcar cristal colorido ?

Os de hoje são enfeitados com bolinhas coloridas duras de quebrar o dente.

Que fim levaram as casas de

enxaimel verdadeiras de tijolos vermelhos e pau preto ?

As de hoje são de concreto e paus falsos, para turista ver na Oktoberfest.

Que fim levaram os programas de rádio de domingo de manhã, quando se ouvia a voz de Frau Hofschulte anunciando as melodias alemãs que as vovós cantavam para fazer as criancinhas dormir ?

Que fim levaram os beberões de cerveja que bebiam, bebiam... e depois ficavam cantando em quatro, cinco ou seis vozes como coral de canto orfeônico :

«Fahr mich in die Ferne, mein blonder Matrose...»

Hoje é só música gauchesca e Clube de CTG, que nada têm com Blumenau.

Que fim levaram os concertos da orquestra sinfônica do Carlos Gomes, onde se ia vestido com a melhor roupa, terno completo e gravata, para ouvir a «Apassionata» de Beethoven, trechos da ópera Anita Garibaldi, de autoria do maestro Heinz Geier, que regia com movimentos bruscos e frenéticos, fazendo balançar os rabinhos de sua casaca, enquanto o tenor Leandro Victor Bona atacava com sua voz possante ressaltando os «L» com língua bem enrolada :

«Salve bandeira do Brasil querida, toda tecida de esperança e luz ?»

Que fim levaram os grandes bailes no majestoso salão de frente do Carlos Gomes, exclusivo para sócios, onde se disputavam as damas com sofreguidão, até na saída do toalete eram aguardadas ?

E os bailes de Carnaval da Segunda-Feira, do Olímpico, onde só então podiam entrar as empregadinhas domésticas e os jogadores de futebol ?

Que fim levou a Churrascaria

Continental ali na rua Sete, entre Angelo Dias e Nereu Ramos, em que o mestre Rudolfo Sasse, atendia com sua classe infalível e nos brindava com magníficos filés duplos, macios e gostosos, que já não existem mais nos bois de hoje ?

Que fim levou o footing de domingo à noite na rua Quinze, da Alameda até na Floriano Peixoto ?

Que fim levaram as garotas bonitas que vinham cedo, as piranhas e as prostitutas que vinham mais tarde, e que por lá perambulavam ?

As prostitutas reconhecidas e prestigiadas que só saíam tarde da noite.

A Emília, já velha, conceituada e respeitada por toda a marmanjada.

A Beata, que passava como uma sombra, se esgueirando pelos nichos, pelos vãos das portas e que tinha uma voz fanhosa.

A Salsicha, que passava de tarde, em pleno dia, descontraída e cumprimentava a gente e a gente respondia : «Boa Tarde, Salsicha !»

Que fim levou a zona do metrô do Garcia, onde os militares tinham preferência : Pensão da Lili, Locomotiva e outras ?

Que fim levaram a Tante Emmi, a Iris, a Mutti, o Oscar, o Paulinho ?

As mais fortes ainda subsistem na batalha : a Dakar e a Tabu, mas e as dezenas de outras que foram apagando suas luzes vermelhas ?

Não se usa mais ir à Zona, tudo virou Zona.

Qualquer inferninho, discoteca, danceteria é uma zona.

Que fim levaram os caçadores de belezas negras dos pontos de ônibus ?

Puros arianos, mas apreciadores de chocolate modelado em lin-

dos rostos, lindos corpos, lindas pernas.

Chegavam com seus carrões de último tipo : o empresário, o alto comerciante da rua Quinze, o funcionário do Banco do Brasil, todos disputando os olhares e favores daquelas escurinhas feitosas. E elas como estarão ?

Gordas negronas, mães de outras belezas afro-brasileiras ?

Ou já morreram e estão no céu das negras boas ?

Que fim levaram as menininhas de saia bordô de suspensórios, blusinha branca e boininha que desfilavam lindinhas, durinhas, prendendo a custo um sorriso nos dias de feriado nacional ?

Já serão avós de netos ou morreram virgens intocadas ?

Que fim levaram as mulheres belas tão desejadas dos concursos de misses ?

Estarão já belas matronas de terceira e quarta idades, de dentes postiços e varizes nas lindas pernas ?

Pode ser, mas não a Vera Fischer, que continua linda e louca, louca e linda.

Que fim levou Frau Zimmdorf, com seus cachorrinhos, aquela figura inconfundível, sempre de branco, saia comprida até o chão, cabelos grizalhos num coque atrás e um sorriso lindo e bondoso sempre nos lábios, sempre acompanhada de um bando de cachorrinhos brancos parecidos com os da raça Spitz da Pomerânia ?

Que fim levaram os vendedores de bilhetes de loteria ?

A avó do Adauto com seu sotaque árabe ?

O Amauri, que sofria de ataques epiléticos e arrastava uma perna ?

De vez em quando tinha um ataque em plena rua e vinha uma

alma bondosa e o empurrava para o meio fio, onde ficava rosnando e espumando.

Tinha gente que vinha roubar o dinheiro e os bilhetes de sua pasta.

Logo acordava meio tonto e levantava e seguia com a perna arastando e o prejuízo na bolsa.

Que fim levaram os vendedores de tômbolas e rifas que nunca corriam ?

Sempre eram dez a vinte automóveis, em benefício de tal igreja.

E embolsavam o dinheiro dos sonhos dos pobrezinhos.

Hoje quem faz isto é o governo, com suas raspadinhas e loterias.

Que fim levaram as bandinhas que tocavam furiosas animando bailes e festas populares de tiro e de igrejas ?

Hoje a banda de música do Batalhão do Exército passa na rua Quinze tocando a marcha «Velhos Camaradas», enchendo o peito de entusiasmo, o coração de saudade e os olhos de lágrimas.

Que fim levou aquele trenzinho que chegava todos os dias às 9 horas, e despejava uma multidão de pessoas na estaçõzinha em enxaimel ?

Que fim levou a Casa Hoepcke, sólida e firme como as pirâmides, parecia que iria durar séculos ?

Hoje uma prosaica loja de eletrodomésticos e móveis apregoa no mesmo local ofertas com prazos longos sem juros.

Que fim levou a Casa Willy Sievert que tinha de tudo ?

O que não tivesse lá não adiantava procurar em outras lojas.

Que fim levou a varanda do Tonjes, onde nas tardes de domingo era um programa levar a namorada tomar sorvete olhando as águas do rio Itajaí-Açu ?

Hoje a Avenida Castelo Bran-

co acabou com todos os fundos de quintais e encaixotou o riozão numa valeta de concreto.

Que fim levou o intrépido e valente Vapor Blumenau que navegava até Itajaí e voltava levantando espumas e ondas ?

Jaz num pedestal apodrecendo no tempo, como ficou a cabeça decepada de Tiradentes na cidade de Vila Rica, até que uma alma caridosa a roubou e levou para uma sepultura digna.

Que fim levou minha Blumenau que era uma linda coloninha, loura, de pele cor de aipim-pêssego e que não precisava se fantasiar de Dirndl de Oktoberfest para ficar bonita ?

Nas domingueiras, nas festas de tiro, nas quermesses aparecia florindo, risonha, enfeitando a tudo.

Não existia Vovô Chopão, que mais parece um itaiiano do que alemão, distribuindo sorrisos e chope ao som da música do Helmuth : «Alô Plumenau ! Pom Dia Prasil !»

Que fim levou minha netinha de dois aninhos que sentava na minha barriga e cantava comigo a valsinha do Vinicius de Moraes «Menininha do meu coração, fique pequenininha não cresça mais não ?»

Hoje já crescida, meninona pesada, ainda quer vir no meu colo, mas eu é que não aguento mais o peso e as pernas dela já tocam o chão.

Luta judô, faz natação e ginástica rítmica.

O tempo levou tudo isso. O tempo é cruel e não perdoa.

Minha Blumenau também cresceu. Cresceu até demais. Encheu-se de favelas e de problemas urbanos.

Mudou muito e, para mim, mudou para pior.

Ruy Moreira da Costa

PUBLICAÇÕES DA «PARALELO 27»

Com sede em Florianópolis, a Editora Paralelo 27, de propriedade de nosso amigo Oldemar Olsen Jr., está com cerca de 70 títulos publicados, destacando-se entre os mais recentes os seguintes: «Raízes Serranas», de Lauro César Córdova, coletânea de «causos» e poemas ambientados em Lages, e que já comentamos nesta coluna; «Fazendo a Cabeça — Jornalismo de Idéias e Crítica», de Mário Pereira, conjunto de ensaios onde o veterano jornalista discute com linguagem literária diversos temas da atualidade; «Sexualidade e Amor Numa Terra só de Mulheres», de José Endoença Martins, onde ele discute sexualidade, gênero e raça na ficção americana; «Oh! Que Delícia de Ilha», de Raul Caldas Filho, crônicas de louvação à Capital, meio no rumo de comunismo social; «Pássaro Negro», de Mário Silvio Martins, «Sol da Calábria», de G. A. Moretti, e «Vozes Poéticas», antologia de neotrentinos, todos volumes de poesia; «Podres Poderes», de Júlio Paupitz Filho, onde propugna por uma nova consciência ética e de justiça social para que um país tão rico não continue a ter um povo tão pobre; «Champagne», o segundo romance de Berenice Dunbar, escritora residente em Balneário Camboriú; «Os Comunas — Álvaro Ventura e o PCB Catarinense», de Celso Martins, e «Pequena História do Teatro Álvaro de Carvalho», coletânea de ensaios, ambos de história catarinense; «Diversidade e Manejo da Floresta Atlântica», de Klaus G. Hering, discutindo importantes aspectos da utilização da floresta nativa; e «O Salto da Indústria Catarinense», de Idaulo José Cunha», tecendo loas ao que designa como mais um «exemplo para o Brasil».

NOVO ROMANCE

Em seu mais recente livro, o romance «Os Caçadores de Aranhas» (Rumo Press Sucesso — S. Paulo — 1996), David Gonçalves usa como pano de fundo as lavouras onde decorrem as vidas trágicas dos bóias-frias que tanto marcaram sua alma e que são recorrentes em sua obra de ficção. Embora o relato, na superfície, se atenha a um insólito campeonato de caça às aranhas e às vivências de garotos pobres, com suas lutas, problemas e disputas, o que emerge com força é o destino de miseráveis sem eira nem beira, explorados até a exaustão nas lavouras e depois transportados como bichos em caminhões de precárias cobertas de lona para serem largados em algum ponto da estrada recoberta de grossa camada de poeira vermelha. Seres sem perspectiva e sem esperança, desgastados, envelhecidos antes do tempo e para muitos dos quais a pinga forte é o último refúgio. Seus filhos, envoltos com os problemas da idade, vão aos poucos percebendo o que a vida lhes promete se não lutarem para abrir novas portas.

Os personagens são fortes, os diálogos bem construídos e a

história envolvente. A tragédia, já presente no cotidiano, se intensifica em alguns momentos com ocorrências inesperadas. A coincidência de sonhos é um recurso engenhoso e que acrescentou um toque de mistério. O volume, em formato de bolso, tem apresentação agradável. Está de parabéns do escritor de Joinville.

QUEM SE LEMBRA DELE ?

Brasil Gerson (1904-1981), nome adotado por Brasil Görrensen, nascido em São Francisco do Sul (SC) e que se radicou em São Paulo, onde alcançou destaque como jornalista, teatrólogo, historiador, biógrafo, novelista, roteirista de cinema, crítico teatral e de artes. Publicou diversos livros e recebeu o prêmio da A.B.L. «Chegado a São Paulo, iniciou-se nos «Diários Associados», numa dinâmica e eclética linha crítica que se desenvolveu gradual e posteriormente para o teatro e o cinema, quando também produziu obras de dramaturgia e roteiros para alguns filmes. Interessado em arquitetura, arte moderna em geral e grande amigo de Flávio de Carvalho, em 1933 frequentou o C.A.M., sendo um dos maiores incentivadores do futuro Teatro da Experiência, para o qual chegou a escrever o texto «Jesus na Imprensa», infelizmente não levado à cena» (Depoimento do crítico e artista plástico J. Toledo). Ligado ao Grupo Antropofágico e especialmente ao arquiteto e artista plástico Flávio Resende de Carvalho, esteve ao lado deste em suas experiências artísticas, arquitetônicas e teatrais, que sempre defendeu através da imprensa, em inúmeras oportunidades. Foi também autor de importantes obras históricas e inclusive de uma peça teatral sobre Anita Garibaldi.

VARIADAS

A Academia Catarinense de Letras lançou três novos títulos de sua «Coleção ACL», com destaque para o ensaio sobre Holdemar de Menezes de autoria de Júlio Basadona Dutra. *** O acadêmico João Alfredo Medeiros Vieira lançou o livro «O Ensino Linguístico e Literário — A Avaliação». *** Edith Kormann está publicando «Realidade, Ficção?», nova coletânea de contos. *** A Assembléia Legislativa do Estado promoveu o lançamento dos livros «Só Vírgula», de Maria Tereza de Queiroz Piacentini, e «O Código Brasileiro Disciplinar do Futebol Anotado e Legislação», de Marcílio Krieger. *** «Círculo Vicioso» é o novo livro de Hamilton Alves, publicado pela Brenúncia Editora, de Florianópolis. *** Na sede do Ministério Público, em Florianópolis, foram lançados os livros «Mandado de Segurança no Juízo Criminal», de Agamenon Bento do Amaral (Procurador de Justiça), e «O Conceito de Acusação», de Gilberto Callado de Oliveira (Promotor de Justiça). *** Realizou-se no Teatro Álvaro de Carvalho o espetáculo «Memórias e Cançares de Sefarad», com a participação da soprano argentina Eleonora Noga Alberti e recita dos poemas do livro «Memórias de Sefarad», de Leonor Scliar Cabral. *** Acontecerá entre 4 e 7 de setembro o Congresso de História e Geografia de Santa Catarina, comemorativo do

centenário do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Será na sua sede, no Palácio Cruz e Sousa, na Capital. *** Realizou-se entre 13 de junho e 27 de julho a I Bienal Reinaldo Manzke de Belas Artes, promovida pela Fundação Cultural de Blumenau e BLUAP, com grande número de artistas expostos, comissão julgadora e prêmios de nível. *** Acontecerá entre 1º. e 5 de setembro, em Fortaleza, a XVI Conferência Nacional da OAB, contando com a participação de inúmeros catarinenses, inclusive como palestrantes. *** Está circulando mais um número de «Ô Catarina!», tendo como tema central o mistério da arte, além de muitas outras matérias. *** Acaba de ser fundada a Academia São José de Letras, com sede na referida cidade, e tendo como presidente a poeta Zoraida H. Guimarães.

UMA PERGUNTA

Onde andarás a União Brasileira de Escritores, Seção de Santa Catarina (UBE — SC), fundada em novembro do ano passado e da qual nunca mais se ouviu falar ?

Memórias de uma imigrante

Maria Schürmann Huber
Trad. de Valburga Huber

(3)

Quando da minha primeira volta à Alemanha depois de meio século no Brasil (em 1976) — foi maravilhosa a viagem de trem ao longo do Rio Reno, pelas planícies, montanhas e colinas, com seus vinhedos, castelos e ruínas. Os navios no rio eram um espetáculo à parte e só o tempo curto da nossa estadia não nos permitiu ver mais belezas da minha região. Mas fomos também a Munique, bela e alegre cidade, com sua tradicional cerveja sendo o "Hofbräuhaus" a cervejaria mais famosa do mundo. Além da boa cerveja, seu "Leberkäs" (prato típico, à base de fígado), seus inhoques também de fígado ("Leberknödel") e suas bandas de músicas tocando até tarde. Na nossa passagem por Schermbeck (cidade natal de minha mãe e avó) pude lembrar nitidamente fatos pitorescos da minha infância. Naque-

la mesma casa, morava nos tempos antes da 1ª. Guerra minha tia com sua grande família e tudo se fazia de acordo com a idade das crianças. Os meus primos e primas menores jantavam mais cedo na cozinha e logo tinham que ir para a cama. Os maiores — a cujo grupo eu pertencia — jantavam com os tios e os outros filhos e empregados na sala. Minha tia tinha uma chapelaria e nela trabalhavam os primos e uma funcionária. Algo engraçado me ocorre. Essa funcionária de minha tia, disse a empregada que cozinhava, que sua comida parecia lavagem para porcos. Ela tomou a ofensa ao pé da letra e providenciou um prato de comida de porcos para a fina moça! Só a interferência diplomática da minha tia conseguiu resolver tudo com harmonia.

Quando o tempo estava bonito, brin-

caava-se de esconder fora de casa e um grupo tinha que procurar o outro. A aldeia era pequena e o quintal da minha tia ficava no centro da mesma; logo ao lado estava a igreja e logo toda a moçada participava e o jogo de esconde-esconde não tinha fim. As vezes se colava um papel nas costas das meninas com os dizeres "Procuero Marido" ou "Vende-se peixe fresco" ou "Vende-se esta saia" e todos morriam de rir. Todos na casa tinham suas tarefas: um engraxava os sapatos, uns 14 pares, que eram expostos um par ao lado do outro, como soldados, no corredor da casa; o outro tinha que varrer a rua ao lado da casa. Outras vezes todos tinham que arrancar grama da calçada feita de pedrinhas, o que era um trabalho duro. Ao procurarmos nossos ovos de Páscoa, eu subi ao sótão do feno e caí da escada, ficando com um galo enorme na cabeça. Os ovos eram escondidos nos lugares mais incríveis, como os coxos de pôr capim para as vacas. Como ainda não tinha água encanada, havia uma bomba grande na frente da casa, usada por diversos moradores onde eles buscavam água em baldes. Antigamente, no tempo dos avós, eles tinham um depósito de ferro velho e uma sala especial para tintura. Tinham também pequenas atividades agrícolas e quando minha mãe era moçinha eles já estavam no campo, no verão, às 4h da manhã e a noite ficavam até 9h. Na minha infância a agricultura se reduzia e eles a conduziam juntamente com uma pequena loja de tecidos e chapelaria. Dos primos, 7 meninas e 2 rapazes, morreram o mais velho e o mais novo, sendo que os outros ainda vivem. Uma das minhas primas reside nesta casa atualmente e uma outra é madre provincial de uma ordem religiosa e uma terceira, da minha idade, ficou muito tempo conosco em Hamborn quando éramos pequenos. Em Schermbeck moram mais 3 primos — filhos de um outro tio, irmão mais novo de minha mãe — na casa paterna deles, onde eles tem uma padaria e confeitaria.

É pena que, por vezes, há lembranças

preciosas que me passam pela memória, mas que, se não forem escritas imediatamente, fogem novamente. Os nossos primeiros anos no Brasil foram cheios de aventura, das quais relato aqui algumas. Nós mudamos de uma cidade grande para o meio da mata virgem e as diferenças a serem enfrentadas eram enormes. O primeiro ano não foi fácil para meus pais, que estavam acostumados a todo o conforto e, de repente a casa quase miserável, o chão da cozinha de barro, uma parte da casa era de árvores rachadas. As janelas eram de madeira e para poder ler meu pai colocou uma moldura num vidro numa das janelas. Para nós, crianças, isto não era deprimente, tínhamos muito espaço para brincar e nos divertir, o que não era o caso na Alemanha. Aos domingos fomos ao mato e, na ausência de estradas ou caminhos, usávamos as picadas dos limites de terras. Estas, em certos lugares eram tão íngremes que utilizávamos os tocos de árvores para sermos puxados para cima e quando voltávamos para casa estávamos cheios de coceiras. Depois víamos que eram "carrapatos do mato", que se escondiam sob as folhas de Caeté que haviam nos mordido. Mais tarde abriu-se uma picada para passar a cavalo, que nos levava até a próxima "tifa" (região distante) que já era em outra colônia. Esta picada geralmente se fechava com pantano e a gente quase não conseguia passar, pois o sol não penetrava na mata virgem e assim nada secava. Era justamente o sol o melhor "inspetor de estradas", no dizer dos colonos daqueles tempos ainda pioneiros. Costumávamos também atravessar um rio chamado Dona Luísa (nome de acordo com o fundador da "tifa" ou colônia ou sua esposa ou uma de suas filhas). Porque nossa colônia se chamava Mosquito Grande nunca vim a saber, nem porque outra, não muito distante, se chamava Mosquitinho. Eram sempre vales estreitos entre pequenas montanhas. Quando o padre vinha — o 1º. foi o Pe. Stanislaw, um polonês — nós andávamos 3 a 4 horas de carroça, com os pés enfiados em

palha de milho para esquentar, pois no inverno fazia muito frio. Mais tarde veio um que lia a missa da viúva Schäfer até que a Capela de São José foi construída. Como meus irmãos menores — Josef e Alfonsa — ainda tinham que ir a escola, meu pai mudou-se para Rio do Sul. Como eu já tinha 16 anos, não fui mais a escola e meu pai dava aulas em casa para mim e para um grupo de moças. Daí o fato de só dominar perfeitamente a escrita do alemão, sendo meu domínio da escrita portuguesa bem menor.

Me lembro com alegria do tempo em que morava com meus pais e irmãos na "Serrinha". De lá se tinha uma vista linda da paisagem vizinhas e no fundo ficava o Morro Funil. Me vem a mente a imagem de infância em que eu e minha irmã menor tínhamos que descer o morro onde morávamos para buscar leite no vale. Ao atravessar-mos a mata escura, ficávamos amendrotadas com o ruído das corujas e bugios (macacos). Um cunhado de meu irmão atirou num desses macacos, uma vez pegou-o vivo e levou-o para Blumenau. Além desses macacos havia poucos animais selvagens apenas veados — que destruíam as plantações de milho pois nunca conseguíamos pegar em nossas armadilhas. Numa pequena planície de nossa terra — que era muito fértil — colhemos certa vez 250 abóboras, tão grandes que mal podíamos carregá-las. Eram utilizadas como comida para gado. (E pensar que hoje em dia a gente compra pedaços de abóbora nas feiras, como legume e nem tão barato!) Quando meu pai morava com meu irmão Theodor, que já tinha uma família grande, de 7 filhos, cozinhou-se abóbora, por conselho justamente do meu pai. Todos gostaram tanto da mesma que nada sobrou para meus pais!

Meu pai em seus pensamentos, ainda estava na Alemanha, pois quando construiu nossa casa, a fez com 2 andares, não lembrando do espaço de sobra que tínhamos agora no Brasil e que não era caro como nas cidades alemãs. Lá no alto

da Serrinha, onde no inverno brilhava um lindo sol, víamos lá em baixo no vale a neblina cobrindo tudo como um cobertor branco. No tempo em que morávamos aí na Serrinha e ao mesmo tempo em nossa casa em Rio do Sul, fazíamos muitas viagens para lá e para cá, cerca de 7 horas sentados em carroça de cavalo. Meu pai gostava de viajar no meio do dia, com o sol a pino e bastante calor! Certa vez, quis lhe mostrar que ao meio dia já podíamos estar em casa. Meu irmão mais novo tinha que buscar os cavalos numa pastagem que pertencia ao Hotel Lucas, em Rio do Sul. Como ainda estava escuro, tínhamos que procurar os animais tocando o esterco que ainda estivesse quente, pois então deveriam estar por perto dali e assim realmente acabávamos encontrando-os. Quando partíamos, as luzes da ponte no meio da cidade de Rio do Sul ainda estavam acesas e cheguei ao meio dia no alto da Serrinha para grande surpresa do meu pai. Hoje se faz todo este trajeto de carro em, no máximo, uma hora.

Certa vez dormimos numa escola na entrada da tifa do Sabugueiro. Lá meu pai comprou o último pedaço de terra bem no final da tifa, que não tinha nenhuma casa. Pernoitamos, pois, na escola que não funcionava na época. Meu pai deitou-se no chão e estendeu os braços para que servissem de travesseiros para nós, pois claro não havia travesseiros ou cobertores numa escola deserta. Meu pai não media sacrifícios para nos suavizar a vida, tinha grande espírito empreendedor, apenas lhe faltava a prática para trabalhos manuais, pois tinha sido professor toda a sua vida, lia em 4 línguas diferentes e aqui no Brasil ministrava aulas particulares, sobretudo de matemática, sua especialidade. Tinha também um forte veio musical, tocava piano e violino. Aqui ele comprou um harmônio, um violão e um bandolim. Para aprendermos francês, ele fazia a letra da música metade em francês, metade em alemão, usando melodias conhecidas como "Tannenbaun" ou "Weisst du wieviel "Sternlein stehen"? ("Pinhei-

ro de Natal" e "Sabes quantas estrelinhas") e eu guardo essas pequenas canções na memória até hoje, como pequenos tesouros e passei-as à minhas filhas. Eu aprendi a tocar um pouco de violão e gaita de boca e esta ainda toco hoje. Quando adolescente eu tocava os 2 instrumentos simultaneamente, prendendo a gaita de boca numa mesa com dois pregos e tocando, junto com ela, o violão. Hoje em dia escuta-se música quase só dos discos e nós trouxemos alguns muito bonitos desta minha única viagem de volta a minha terra natal. Podem ser comprados aqui também mas a variedade é menor e são mais caros.

Quando olho para traz agora e constato todos os progressos técnicos e científicos destes últimos 50-60 anos fico impressionada, as distâncias parecem que foram eliminadas e quase tudo tornou-se acessível. Agora os cuidados com a natureza tem que ser redobrados pois senão restará pouco verde e o ar se tornará irrespirável com a poluição. Aqui no Rio de Janeiro, felizmente há muitas montanhas que dividem a cidade. Elas são verdes, com bela vegetação e o ar ainda é mais puro, pois a brisa do mar também ajuda nesta tarefa de purificação do ar. Falando em mar, noto que, depois da minha chegada no Brasil — no Porto de S. Francisco em Santa Catarina, com 12 anos, em 1924 — só voltei a ver o mar mais de 30 anos depois da minha chegada. Um grupo de pessoas de Rio do Sul fez naquela ocasião uma pequena excursão à praia de Gravatá — Santa Catarina — onde passamos apenas um dia. Claro que depois houve muitas queimaduras nestes colonos ansiosos por conhecer (ou rever) o mar e uma conhecida nossa foi até parar no hospital com insolação. Como não tínhamos levado maiô de banho, uma amiga minha e eu passamos o dia passeando

ao longo do mar e assim, saímos ilesas das queimaduras. O melhor foi a viagem, pois era uma turma alegre que cantou e brincou todo o trajeto no ônibus.

Mais um pouco sobre a Alemanha. Meu pai tinha 4 irmãos e 2 irmãs. Dois desses irmãos morreram de tuberculose, dois deles queriam ser professores já estavam no seminário de preparação para isso e o outro era padeiro. Um outro tornou-se padre do Senhor Bom Jesus, ficou mais de 40 anos na África, no antigo Congo Belga. Lá ele foi encontrado morto a pauladas em sangrenta revolução local. Certa vez, quando ele veio de férias para a Alemanha, meu pai e ele foram passear de canoa no Rio Ruhr e eu fui com eles. Em Essen, onde o Ruhr cruza a cidade, paramos para tomar café. O tio padre usava sempre na África uma longa barba pois assim ele impunha mais respeito aos nativos negros, nos contou ele, já que lá as barbas longas não eram comuns. Mas na Alemanha porém ele se barbeava, mas nas fotos que enviava da África sempre ressaltava a longa barba, e costumava "jurar pela barba de 30cm!" A irmã do meu pai, tia Elisabeth, casou com Franz Gülkes e teve 5 filhos. Dois filhos morreram cedo e também este tio (com 48 anos) um homem de grande estatura, mas com problemas nos órgãos internos, que não tinham acompanhado o crescimento do corpo. Esta minha tia casou-se novamente e um neto dela também está atualmente no Brasil e outro na África do Sul. A outra tia, Gertrud, morava em Orsan, à margem esquerda do Reno, numa fazenda. A gente tomava a balsa para visitá-la, o que era sempre uma pequena aventura. Eu raramente ia nessas visitas, pois meu pai preferia levar meus irmãos mais velhos em longos passeios a pé, pois ele, como já contei, era um verdadeiro "papa-léguas".

REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

ATÍLIO ZONTA

INTERVENTOR FEDERAL TOMA POSSE NO CARGO DE PREFEITO DE ASCURRA

Os desentendimentos entre as duas facções políticas, União Democrática Nacional e Partido Social Democrático no município de Ascurra não cessaram durante a permanência do Prefeito Provisório, Antônio Dalfovo. Diante dessa situação constrangedora e de difícil solução entre os partidários das duas agremiações políticas, o então Ministro Mem de Sá, do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, achou por bem nomear um Interventor para administrar a Prefeitura de Ascurra. A 10 de maio de 1966, às 10:00 h o Tenente Coronel Amaro Medeiros de Vasconcelos, compareceu à Prefeitura, exibindo a sua Certidão de posse, para assumir as funções de Interventor. Na oportunidade, foi acompanhado pelo General Mário Ribeiro dos Santos, Superintendente da Estrada de Ferro Santa Catarina S.A., do Coronel Paulo Mendes de Carvalho, ex-Comandante do 1º/23º Regimento de Infantaria de Blumenau. Presentes os Srs. vereadores, Ambrósio Poffo, Olivio Chiste, Carlos Poffo, Leopoldo Sandri, Silvestre Prada, Pasqual Poffo e Ervin Pisa, de autoridades civis, representantes da imprensa falada e escrita, além de grande número de habitantes do município e de outras localidades do Vale do Itajaí. A Tenente Coronel Amaro Medeiros de Vasconcelos foi recebido na Prefeitura pelo Prefeito em Exercício Antônio Dalfovo e dos componentes

da Câmara Municipal, bem como, do Vigário da Paróquia Santo Ambrósio, Padre Orestes Satler e do Diretor do Colégio São Paulo, Padre Virgínio Fistarol. Antônio Dalfovo, Prefeito em exercício, em nome do povo de Ascurra, deu as boas-vindas ao Interventor, augurando-lhe êxito à frente da administração municipal, apresentando-lhe também, um resumo do que pôde realizar durante os meses em que permaneceu no cargo de Prefeito. Finalizando, disse que voltaria a exercer as funções de Presidente da Câmara de Vereadores até o término de seu mandato.

Fazendo uso da palavra o Interventor Federal, saudou a todos os presentes, de modo especial, o Meretíssimo Juiz de Direito da Comarca de Indaial, Dr. Sálvio Cunha e o Promotor Público, Dr. João F. Bitencourt. Assumiu a Prefeitura, cuja Intervenção seria baseada na paz, na tranquilidade e no progresso do município. Assumiria as funções, para as quais, foi nomeado pelo Presidente da República, Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, fazendo uma exclamação ao povo ascurrense para juntos iniciarem o trabalho da ordem e do progresso, pois, sabe de antemão que as origens do povo de Ascurra são de boas procedências, por isso, tinha plena certeza na vitória de sua missão. Durante o tempo em que esteve à frente da administração do município dispen-

do o Santuário de Azambuja à Dignidade de Episcopal, em 1º.09.1905.

34. Provisão de Fabriqueiro de Azambuja em favor do Pe. Gabriel Lux, em 01.09.1905.

35. Provisão de auxiliar do Fabriqueiro de Azambuja em favor de José Kohler, em 01.09.1905.

36. Provisão de diferentes faculdades em favor do vigário e de seus coadjutores, em 12.12.1905.

37. Provisão de diversos Fabriqueiros, em 21.02.1906.

38. Provisão de confessor ordinário das Irmãs da Divina Providência em favor do vigário, em 26.02.1906.

39. Mesma provisão em favor do coadjutor, em 26.02.1906.

40. Dispensa matrimonial (Nicolau Dietrich e Luiza Ramos), em 21.04.1906.

41. Provisão de celebração de Missa em 22.06.1906.

42. Dispensa matrimonial (Pedro Perazza e Josepha Rodaelli), em 17.07.1906.

43. Dispensa matrimonial (Pedro Schmitt e Maria Sestrem), em 17.07.1906.

44. Dispensa Matrimonial (João Hodecker e Anna Hyeil), em 23.07.1906.

45. Dispensa matrimonial (João Toronski e Clara Turrenkrott), em 10.08.1906.

46. Provisão de vigário encomendado em favor do Pe. Henrique Meller, em 08.12.1906.

47. Provisões de faculdades (A) em favor do Pe. Meller, em 01.01.1908.

48. Provisões de faculdades (B) em favor do Pe. Meller, em 01.01.1908.

49. Provisão de coadjutor em favor do Pe. Bernardo Joukmann, em 01.01.1908.

50. Provisão de Coadjutor em favor do Pe. José Rogmann, em 01.01.1908.

51. Provisão de licença para uso de ordens em 01.01.1908.

52. Provisão de confessor em favor do Pe. Gabriel Lux, em 01.01.1908.

53. Provisão de pregador ao Pe. Gabriel Lux, em 01.01.1908.

54. Provisão de faculdades (A) ao Pe. Gabriel Lux, em 01.01.1908.

55. Carta pastoral sobre o sacramento do matrimônio, em 21.11.1906.

56. Mandamento nº. 7 de Dom Duarte Leopoldo e Silva sobre o regulamento das fábricas, em 21.11.1906.

57. Provisão de licença para uso de ordens em favor do Pe. Henrique Speltmann, em 01.01.1906.

58. Provisão de confessor ao Pe. Speltmann, em 01.01.1907.

59. Provisão de pregador ao Pe. Speltmann, em 01.01.1907.

60. Provisão de Conselho de Fábrica, em 01.01.1907.

61. Dispensa matrimonial (Francisco e Maria Maestri).

62. Dispensa matrimonial (Germano Hort e Isabel Heil).

63. Dispensa matrimonial (Leopoldo Zem e Maria Montibeller).

64. Dispensa matrimonial (Adão Schwarz e Mathilde Zank).

65. Dispensa matrimonial (Ladislao Kúrtz e Christina Westfal).

66. Licença para uso de ordens ao Pe. Gerardo Ohlemüller.

67. Provisão de pregador ao Pe. Gerardo Ohlemüller.

68. Provisão de confessor ao Pe. Gerardo Ohlemüller.

69. Licença para uso de ordens ao Pe. Pedro Storms.

70. Provisão de confessor ao Pe. Pedro Storms.

71. Provisão de pregador ao Pe. Pedro Storms.

72. Dispensa matrimonial (João Foppa e Bertha Niemayer).

73. Provisão de conselho de Fábrica, em 01.01.1908.

74. Esclarecimento a respeito da realização dos casamentos (sem data).

75. Dispensa matrimonial (Nicolao Fischer e Adelaide Janelli).

76. Carta pastoral de Dom João Braga Bispo de Curitiba.

77. Dispensa matrimonial (Lecir Müller e Alice Theis).

78. Autorização do Pe. Henrique Mel-

Aconteceu... há 50 anos passados

(Notícias copladas das páginas do jornal "A Nação" — 1943-1980)

José Gonçalves

— DIA 1º./08/1946 — O Jornal, em artigo de primeira página, registra com pesar a má administração por que estava passando a Estrada de Ferro Santa Catarina.

— DIA 03/08/1946 — O Clube Náutico América realizou grande baile social em sua sede social à rua 15 de Novembro, cujas danças foram cadenciadas pelo afinadíssimo Jazz Lira Jazz.

— DIA 04/08/1946 — No salão de festas do Teatro Carlos Gomes, realizou-se concorrido banquete em homenagem ao jubileu de ouro sacerdotal do estimado e admirado sacerdote Frei Estanislau Schaette, também reconhecido educador, professor que era do Colégio Santo Antônio.

— DIA 14/08/1946 — O jornal destaca e critica a escassa distribuição à população, de farinha de trigo, até então racionada, cuja distribuição obedecia aos critérios da Comissão de Alimentação de Santa Catarina — CAESC — racionamento este ainda existente como reflexo da guerra 1939/45. *** O Grêmio Esportivo Olímpico cumpriu vasto programa de festejos, comemorando a passagem de seus 27 anos de fundação (14/08/19).

— DIA 16/08/1946 — O jornal biografava a figura do Cel. Pedro Christiano Feddersen, falecido em 23 de junho de 1946.

— DIA 21/08/1946 — No edifício da Mútua Catarinense de Seguros, à rua 15 de Novembro, esquina com a rua Floriano Peixoto, foram inauguradas, em luxuoso e confortável espaço, as instalações da secção de modas da Casa Peiter. A solenidade, que contou com a presença de numeroso público, foi presidida pela titular da firma, Vva. D. Irene Peiter.

— DIA 22/08/1946 — O jornal denuncia o câmbio negro do trigo em Blumenau, com 350 sacas do produto deteriorando na armazém do Moinho Joinville.

— DIA 24/08/1946 — Duas figuras muito estimadas em Blumenau festejaram seus natalícios nesta data: o médico Rubens Walbach e a Sra. Nayme Fadel Tomelin, esposa do Sr. Honorato Tomelin, na época diretor do jornal.

— DIA 25/08/1946 — Neste dia, aniversariou-se o Dr. Antonio Vitorino Ávila Filho, de saudosa memória, e que recentemente havia assumido as funções de Diretor da Estrada de Ferro Santa Catarina e que procurava restabelecer a dinâmica de prestação de serviços daquela ferrovia, também de saudosa memória. *** No Clube Náutico América, foi aberta uma atraente exposição de pintura do artista plástico F. Mazzini.

— DIA 30/08/1946 — Importante reunião aconteceu na sala de reuniões da Prefeitura de Blumenau, com a presença de figuras representativas das classes econômicas do município. A reunião, presidida pelo prefeito Germano Beduschi, tratou sobre assunto relacionado com a Casa Popular, tendo sido decidido enviar via telégrafo ao presidente da Casa Popular, mensagem solicitando que fosse concedida autorização ao Sr. Nilo Ramos para tratar dos assuntos relacionados com o início da construção das casas populares em Blumenau.

Jornais do meu tempo (1)

Gervásio Tessaleno Luz

«A Nação».

Pois bem, «A Nação» foi o que foi. O melhor jornal diário de Blumenau.

Algum saudosista, deprimido, talvez dissesse: — Se eu morresse de saudades por um diário da minha cidade, já morto, ele teria um nome só: «A Nação». Tristeza, eu assino em baixo.

Impressão não era das melhores. «A Nação» não conseguiu para ela os benefícios (?) da «offset». Era na base da linotipo. Coisa antiga, mas com um sabor de recordação que poucos sentem. Ouvia-se, no rádio, Anísio Silva e seus boleros amanteigados, Isaurinha Garcia e seus sambas bem brasileiros, Nora Ney e as músicas «dor de cotovelo», eternas, Elvis «Pesti» pra juventude e para todos — sempre — Frank Sinatra e May-sa.

«A Nação» foi criada pelo que dizem «o decano dos jornalistas blumenauenses», Honorato Tomelin, mais conhecido como dono do semanário «Lume». Ele vendeu-a ao então poderoso Assis Chateaubriand. O «Chatô», proprietário da maior rede de comunicação da América Latina. Tinha rádios e jornais por todo o País. E foi o homem que trouxe a televisão para o Brasil. No caso, a Tupi. Todo o império associado ruiu. Como no samba, «agora é cinzas»...

Além de ser o jornal da família blumenauense, (haja batizado, crisma, casamento, bodas de prata, ordenação sacerdotal, «debut» social das moçoilas! — que não fosse registrado em letras garra-

fais), mexia com mentes mais abertas. Abrigava talentos no ofício do bem escrever. O que é uma arte. Das mais puras. E intocáveis.

E os colunista-cronistas? Aí é que vêm. Um elenco estelar. Dos mais variados naipes e estilos. Todos bons, sinceros. Mano Jango, o tijucano João Vieira, com a crônica diária «Espiondo a Maré». O título lembra suas origens beiramar. Aurélio Sada, entre mil tarefas, cuidava da parte pebolística. Esporte curtido com um humor digno de Stanslaw Ponte Preta. Dizem que Mano Jango foi «o cronista da cidade». Se foi, divide o título com José Gonçalves, hoje editor de «Blumenau em Cadernos». O carioca Paulo Jacques, com passagem em alternativos que irritavam Blumenau inteira, respondia pelo «Bunker». Seus escritos causavam mal-estar até nas tifas das Tatutibas, onde exemplares chegavam. Luís Antônio Soares batia o ponto com uma coluna, «Rodapé», que — por incrível que pareça — às vezes, pela «desordem organizada», saía impressa no alto da página. Geraldo Luz, o poeta, bissextamente, assinava uns textos. Nagel Milton de Mello, com os seus «enes» e «emes», inaugurava a crônica social cá na terra. Foi lá que o ferino Norton Azambuja estreou no jornalismo. Mas para ele não há texto. Aliás, não há texto para todos os citados. Inclusive para Carlos de Freitas, no momento editor do bem sucedido semanário «A Hora Política». Ele foi um dos últimos a marcar presença no «diário blumenauense».

— DIA 02 — O frio se fez sentir em Blumenau. Os termômetros amanheceram assinalando 11 graus. *** No Complexo do SESI, à rua Itajaí foram inaugurados os Jogos Escolares, edição 1996.

— DIA 03 — No Teatro Carlos Gomes, aconteceu brilhante concerto de Violão pelo violonista Renato Mor, no encerramento das comemorações dos 25 anos da Escola de Música daquele Teatro. *** Nesta madrugada, a Comissão de Licitações do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem — DNER — concluiu a abertura das propostas na concorrência lançada para os trabalhos de duplicação da BR-101, trecho divisa com o Paraná — Palhoça.

— DIA 04 — Foi aberta, na Proeb, a Terceira Feira do Imóvel, com a participação de 17 expositores.

— DIA 05 — Começou em Blumenau o 10º. Festival Universtário de Teatro, com cerca de 300 atores e diretores. *** Com a Lei nº. 2.386/96, sancionada pelo prefeito Renato Vianna, os estudantes passaram a usufruir o direito de meio ingresso em espetáculos públicos em geral.

— DIA 09 — Segundo divulgou a imprensa, muitas casas localizadas em áreas de risco, ficaram ameaçadas de deslizamentos, após as copiosas chuvas caídas nos últimos dias. *** O balanço estatístico do último fim de semana, nas estradas catarinenses, registrou, em 72 horas, acidentes que causaram 100 feridos, com 12 vítimas fatais.

— DIA 16 — Foi divulgado o laudo da causa do incêndio acontecido no edifício Catarinense, no dia 14 de junho passado. Segundo o mesmo, a causa foi o estado irregular da fiação elétrica, fora dos padrões recomendáveis.

— DIA 17 — As Associações dos Municípios do Médio Vale do Itajaí, iniciaram amplo movimento visando a duplicação da BR-470.

— DIA 22 — Violenta ressaca fez as águas invadirem ruas e casas no Balneário de Barra Velha, causando muita apreensão à população. *** No Aeroporto "Quero-Quero", a temperatura, ao amanhecer deste dia, registrava 1 grau. Em outros locais, o Instituto de Pesquisas Ambientais da FURB registrou 4 graus. *** Foi inaugurado o novo acesso à Ponte do Salto, que liga o mesmo com a outra margem através da mesma ponte.

— DIA 23 — No Espaço Cultural da Agência Central do BESC, foi aberta exposição de trabalhos do artista plástico blumenauense Élio Hahnmann.

— DIA 26 — Comemorando-se, neste dia, o Dia da Vovó, várias solenidades e festivas reuniões familiares marcaram em Blumenau o importante acontecimento. *** Na imprensa repercutiu com destaque a conquista da medalha de bronze, em Atlanta, pelo nadador catarinense Fernando Scherer, o popular "Xuxa". É a seleção brasileira de futebol encerrava a fase classificatória, como primeira do grupo, ao vencer a Nigéria pelo apertado escore de 1 a 0.

REMINISCÊNCIAS DA 15

Werner Henrique Tönjes

(parte II — dedicadas ao meu filho Carlos Henrique)

1. OS PREÇOS

O comerciante de tecidos K., nunca usava aquela pena de aço com corpo de madeira e tinta de escrever ao marcar preços. Eles eram escritos em cima de pedaços de papelão cortados de embalagens vindas como proteção de mercadorias, em formas retangulares ou quadradas de formato pequeno como as etiquetas atuais. Ao freguês inquiridor, o comerciante de tecidos, cuja loja era mais de 100 metros antes da Igreja Matriz de São Paulo Apóstolo, confirmava ser o preço escrito a lápis no papelão, antigo e, o comprador saía satisfeito. Olhos argutos todavia se davam conta que o papelão tinha a forma recôncava no centro e até um farelo aparecia devido ao assédio da borrachinha. Nos finais de semana geralmente as lojas da 15 mostravam as suas vitrines iluminadas com novas mercadorias aos interessados. Quando a loja de K., estava com as vitrines e portas cerradas, luz acesa no interior e grande movimentação, os passantes comentavam: "Der Alte steigt die Preise wieder" quer dizer: "O Velho aumenta os preços novamente" referindo-se a situação que lojas fechadas aos finais de semana com o proprietário dentro, significava alteração dos algarismos numéricos para cima.

2. OS DOIS PORCENTO

K., estava sempre alegre e contente, seus negócios iam bem. Outros no entanto nem tanto, e estavam preocupados. Um grupo de colegas de profissão, numa rodinha de conversa, perguntaram ao comerciante como este agia. A margem de lucro bruto em cima da merca-

doria era de 30% nos anos 40. (Hoje é mais de 100% para não dar lucro nenhum, tamanho é a carga tributária, uma das mais altas do Mundo para financiar uma dívida internacional das mais elevadas do Planeta). Respondendo a pergunta K., respondeu: "O lucro está na compra" (esta lei vale hoje ainda) — Bom isto nós sabemos, disseram os outros, mas como você efetua o cálculo de revenda? — Simples, falou, eu ponho dois por cento em cima. — 2%? Surpreenderam-se os presentes. "Sim, disse K., quando eu recebo uma mercadoria que custa 1 mil réis, vezes dois por cento ela custa 2 mil réis". Estava explicado.

3. O PIONEIRISMO BLUMENAUENSE

Os produtos de fábricas eram expostos em vitrines da rua principal. Uma fábrica poderosa hoje em dia, denominamos ela com uma letra qualquer do alfabeto, K., era um modesto galpão nos fundos da residência. Após o serviço findo, a encarregada da limpeza pegava da vassoura, balde d'água, do rodo e pano e limpava o local, usando para proteger os cabelos do pó, um turbante. Os fornecedores de matérias primas enviavam os seus viajantes, hoje chamados de representantes comerciais, para fazer pedidos e estes vinham no horário da faxina, perguntando onde estava o patrão ou a patroa. Largando dos apetrechos e esfregando as mãos a faxineira pedia um instante a fim de ir a casa e desaparecia lá dentro. Após 10 minutos, vinha uma senhora bem vestida e arrumada dirigindo-se ao viajante, convidando-o a entrar na sala de visitas, a fim de atendê-lo em assuntos da fábrica.

Para maior surpresa do visitante a pessoa era a "faxineira", agora patroa.

4. OS ALUGUÉIS

Uma confeitaria famosa, tinha um movimento descomunal antes do dia 10 de cada mês. O proprietário alegrava-se ao ver tanto cliente entrando. Todos porém, se dirigiam um após o outro em direção a uma única mesa que ficava bem próximo da porta de entrada, onde um senhor compenetrado, usando óculos de grau, assinava recibos de locação a cada um dos inquilinos, que, após pagarem, retiravam-se do local. Muitos inclusive ocupavam o W.C., e nada de beber um cafezinho; a pressa de quitar a conta era grande. Em dias de chuva, também sujavam a entrada com sapatos lamacentos. Quem lucrava com tudo isto, não era o confeitiro mas o locador de dezenas de casas, ou representante legal, saboreando um bom café, via todo o movimento da 15, de manhã até ao meio dia, e muitas vezes na vespéral, e ainda ganhando dinheiro, sem necessitar estar preso em 4 paredes, esperando clientes e pagadores.

5. RAULINO

Antigamente muitas famílias blumenauenses, tinham em sua guarida afro-brasileiros, adotadores de costumes e da língua e falavam bem o alemão. Hoje em dia, existem exemplos vivos do relato, e este fato era muito comentado em todo o Brasil e na Alemanha. Um grupo

de alemães visitou recentemente Blumenau, na Oktoberfest, e pediu para conhecer um não alemão conhecedor da língua germânica. Conversa vai e vem, muito se falou com o entrevistado e realmente foi grande a admiração, quando ao despedirem-se, o blumenauense de pura etnia africana, concluiu: "Ja, meina Leuta, wia Baier muessa zuzamme halta" — no dialeto bávaro dos mais puros — Ja, meine Leute, wir Bayern muessen zuzammen halten". O que significa: Sim, minha gente, nos bávaros temos de nos unir", no meio da gargalhada geral.

6. OS TAMANCOS HOLANDESES

O executivo de uma multinacional, filial de Blumenau, frequentando a Confeitaria Tonjes, identificou-se como holandês e pediu a presença de alguém poliglota a fim de lhe explicar o cardápio.

No trajeto compreendido da copa à mesa ocupada pelo europeu, outros fregueses ouviram um estranho som de madeira batendo no piso. Era o proprietário que para homenagear o executivo holandês compareceu a sua mesa calçando os melhores tamancos holandeses de cor amarela, usados aos domingos nos países baixos, para grande assombro de todos e surpresa do visitante europeu, que não esperava tal recepção, tantos milhares de km de sua terra natal, não podendo conter um sorriso de satisfação pela ruidosa recepção e sempre que vinha a Blumenau, frequentava o Tonjes.

Provérbios do tempo de minha infância

José Gonçalves

Está claro, que provérbios que se conhece nos dias atuais, em sua maioria, são mais que centenários. São manifestações culturais trazidas do velho mundo principalmente pelos portugueses.

Na minha infância — digamos, a partir dos meus 7 anos de idade, quando já frequentava a escola, comecei a gravar em minha mente, muitos provérbios que ouvia, com frequência, princi-

palmente por parte de minha mãe, que sabia usá-los nos momentos exatos. Claro que aprendi outros com outras pessoas, no decorrer dos anos, a partir daquela minha idade. Tanto e tão importantes são as suas assertivas, que jamais esqueci deles e ainda hoje, os tenho na memória, como se tivessem sido gravados ontem. Aliás, o mesmo acontece com os hinos pátrios cujas estrofes e melodias aprendi desde que comecei a frequentar a escola primária. É que naqueles tempos, o professor determinava, minutos antes do início das aulas, diariamente, que os alunos se perfilassem no pátio em frente à escola e, em posição de sentido, os meninos, e com a mão direita, palma aberta e aposta sobre o coração as meninas, cantava-se um hino, entre eles, o Hino Nacional, o Hino da Independência, o Hino à Bandeira, o Hino à Proclamação da República, ou o Hino de Santa Catarina. E durante o cântico um aluno escolhido a esmo pelo professor, hasteava o pavilhão nacional. Nunca esqueci as estrofes destes hinos e os posso cantar todos ainda hoje, nestes meus bem vividos 76 anos. Vejam só! É assim que se forma o espírito cívico das crianças. É assim que ainda devia ser feito nos dias de hoje!

Mas, chega de divagações. Vamos aos provérbios. Eis alguns deles dos quais estou lembrado. Quem quiser colaborar,

que escreva para esta revista, acrescentando outros que ficarão faltando nesta relação a seguir:

— Quem semeia ventos, colhe tempestades...

— Foi buscar lã e saiu tosqueado...

— Mais vale um pássaro na mão do que dez voando...

— Vão-se os anéis e fiquem os dedos...

— Na casa de ferreiro o espeto é de pau...

— Quem tem telhado de vidro, não atire pedras...

— O póte tanto vai à fonte que um dia quebra...

— Não faças aos outros o que não queres que te façam...

— Diga-me com quem andas e dirte-ei quem és...

— Quem com ferro fere, com ferro será ferido...

— Quando a esmola é muito generosa, o santo desconfia...

— O pior cego é aquele que não quer ver...

Andanças com bicicleta pelo Vale do Itajaí entre 1912-1938

(Escrito por OTTO STANGE)

(Traduzido do alemão por seu filho ERICH STANGE em outubro de 1994)

Foi com o espírito de aventura e esporte, um meio termo entre os dois, digamos assim, as viagens de caráter comercial que realizei com a minha bicicleta marca Meister, tipo Standart, sem

marchas, por estradas de barro, ou no máximo, macadamizadas, pois o asfalto aqui ainda não havia chegado. Era também o desejo de conhecer melhor este belo Vale, cujo ponto culminante era

Blumenau, o que me levou a usar o veículo dos menos afortunados, a bicicleta, a pedalar com alegria, disposição e olhos abertos. Assim foram as minhas andanças pelo Vale, que, algumas vezes, chegaram às raias do limite físico e, por que não dizer, intelectual ou até loucura.

Mas, para mim, eram interessantes, apesar do esforço físico. E, assim, quero perpetuar aqui o que vivi, lembrar e escrevê-las para que fiquem na memória e um exemplo para as futuras gerações. Aí, vai!

COM A BICICLETA DE BLUMENAU A ITAJAÍ NO ANO DE 1912

Eu precisava resolver alguns negócios em Itajaí. O único caminho seguro entre aquela cidade e Blumenau, era a via fluvial, com os barcos a vapor, de rodas, o "Blumenau" e o "Progresso". Com barcos qualquer um pode viajar, mas eu queria me aventurar e ir pela estrada, que era pouco usada e conhecida, pois passava por terrenos de particulares, com porteiros para abrir e fechar, com gado passeando livremente.

Até Gaspar e Poço Grande a estrada era razoável, muito usada por carroças. Mas, em seguida, passava-se por terras da família Flores, que usava exclusivamente carros de bois. A "estrada" passava entre mato, capoeira, pasto aberto e plantações de cana-de-açúcar. O capim alto escondia as duas trilhas ou gretas profundas, causadas pelas rodas, parcialmente cheias de lama, nas baixadas. Todo o leito do caminho era coberto com os buracos feitos pelos cascos dos animais de tração. Isto era a "estrada" que eu tinha que passar. Começava numa comprida encosta de um morro e continuava numa grande planície.

Havia saído cedo de Blumenau; parei a negócios em Gaspar e fiz um ligeiro lanche, um "Fruehstueck", como diz o alemão, lá no Wehmuth. Passei bem por Poço Grande e daí em diante en-

contrei o trecho antes descrito, a tal trilha dos carros de boi. Naquele tempo, Blumenau só tinha alguns automóveis que não se aventuravam por este caminho, mas um ou outro tentava a aventura e, sem excessão, tinha de contratar uma junta de bois, que levava duas horas, frente ao carro, para passar por este trecho. Eu, com minha bicicleta, não precisei contratar os bois, mas tive de empurrar o meu veículo durante duas horas, passando por capim alto e lama. A capoeira, aos lados, impedia que o sol secasse a estrada. Suei em bicas, por todos os poros. As calças logo ficaram enlameadas e molhadas. No caminho não encontrei ninguém, mas havia gente trabalhando nas plantações de cana-de-açúcar. Aos poucos, o trecho começou a melhorar, pois Ilhota estava se aproximando. Já podia pedalar de novo.

Rapidamente atravessei o povoado e um bom pedaço do caminho ficou atrás de mim. Chegando perto de "Barra do Rio", as dificuldades reiniciaram. Não eram mais capim e lama, mas areia grossa que me impedia de pedalar. Fui obrigado à empurrar o veículo até chegar perto de Itajaí. Após dez horas na estrada, aí, pelas quatro horas da tarde, cheguei ao Hotel Lippmann. Sujo, cansado e esfomeado. Lippmann, era meu conhecido. Com escova, sabão e bastante água, consegui me limpar; inclusive, os sapatos e a roupa ficaram mais ou menos limpos. Nos trechos com lama havia tirado os sapatos. Pedi um banho quente, que depois de esperar uma hora, consegui. Voltei a ser gente, com direito a sentar à mesa e deitar em cama decente. No dia seguinte, cedo, fiz os meus negócios e iniciei o retorno. O tempo me era favorável, mas a estrada não tinha melhorado. O que passei na ida, repeti na volta e assim consegui chegar até Blumenau. Na Vorstadt, parei no Josef Zwoelfer, que tinha adquirido recentemente um boteco do Canoe-Schneider, e pedi uma gazosa. Admirado me perguntou de onde eu vinha, naquele

estado lamentável. Disse que vinha de bicicleta de Itajaí. — Mas, homem, como podes tentar uma coisa destas, tendo o barco a vapor à disposição? Diariamente com ida e volta? Aí, até eu me perguntei, porque faço isto. Negócio não é esporte; talvez, o espírito de aventura. Com 22 anos de idade, pratiquei muita ginástica, dirigida por G. Arthur Koehler, e como ginasta, gostava de andar de bicicleta, fiel ao nosso lema dos quatro effes "Frisch, fromm, froehlich, frei", (radiante, religioso, alegre e livre), conforme os ensinamentos do pai da ginástica Friedrich Luis Jahn (1778-1852).

É de se observar ainda que as famílias de Richard Paul e Ernst Bernhardt, que durante o verão visitaram os balneários de Armação de Itapocoroy e de Porto Belo, usavam carroções puxados por duas parelhas de cavalos, mas que levavam entre dois a três dias para chegarem aos respectivos destinos. O Balneário Camboriú era praticamente desconhecido naquela época. Cabeçudas era uma colônia de pescadores visitada só por alguns conhecidos de Itajaí. Hoje, com as estradas asfaltadas, os automóveis fazem o trajeto em uma hora. Os jovens, com motos, geralmente com uma garota na garupa, dão um pulo à praia, saindo de Blumenau, Indaial ou Timbó e voltam após algumas horas, depois de um bom banho de mar e uma boa refeição à base de peixes ou crustáceos, regados a cerveja e coca-cola.

Mais tarde, no dia 3 de maio de 1921, fiz a viagem pelo rio, com um bote à remo (Paddelboot), tendo como companheiro o construtor de barcos Wilhelm Ludwig. Levamos dez horas para alcançar a cidade de Itajaí, distante 50 quilômetros. Foi a primeira viagem registrada, feita por bote a remo entre estas duas cidades. Foi muito cansativa, pois a partir de Ilhota, remamos contra a maré. Mas fomos compensados, pois fomos recebidos com três hurras pela equipe de ginastas do Clube Esportivo Marcílio Dias. Devido ao uso, na viagem, de

calções, com as pernas expostas todo o tempo ao sol, as cochas e pernas ficaram tão queimadas, que se formaram bolhas enormes, dificultando até o andar. A volta foi num barco a vapor, o "Blumenau", com bastante conforto, mas dolorida devido às queimaduras. Fiquei alguns dias sem trabalhar, até me curar. A pele se soltou em pedaços do tamanho da mão. Foi um record na época. É bom lembrar que os primeiros colonizadores de Blumenau, usaram este trajeto, quase que diariamente, em canoas, para trazerem móveis, utensílios, instrumentos e armas até Blumenau e levar de volta os produtos da terra recém-cultivada. O Dr. Blumenau usou a canoa nas suas primeiras viagens, chegando até a barra do Ribeirão da Velha, com os primeiros imigrantes, fundando aí a futura cidade de Blumenau. Foi o nosso pioneiro. Muito agradecemos a ele, que sempre deverá ser lembrado.

MINHA VIAGEM PARA HANSA-HAMMÔNIA, RIO DO SUL E REGIÃO NOS ANOS DE 1934-1938

Estávamos morando desde 1926 em Indaial, onde possuíamos uma loja com armarinhos. O começo foi duro e pesado; o progresso lento. Adquiri em 1934 uma pequena fábrica de acolchoados. Queria ficar conhecido entre os meus futuros compradores, negociantes das cidades vizinhas e do interior. As lojas blumenauenses eu conhecia todas. Aqui em Indaial também; havia Hardt, Hiendlmayer e a maior, Schroeder, em Timbó, havia Lorenz e o Heini Schroeder; em Pomerode havia Weege e na Itoupava os Jensen e assim por diante, todos já conhecidos. Para alcançar este objetivo, para mim não foi difícil, pois tinha a minha bicicleta. Para comprar um automóvel, me faltavam os meios. As estradas por aqui eram razoavelmente boas, todas macadamizadas; visitar estas locali-

dades vizinhas, para mim era "café pequeno".

Mais esforço seria necessário, visitar o alto Vale do Itajaí, a região de Hansa (Ibirama) e do Suedarm (Rio do Sul). Eu era jovem e tinha a minha bicicleta, não precisava mais nada. Mãos à obra. Muitas aventuras para contar vivi naquelas bandas, das quais quero mencionar algumas em seguida.

FORA DOS TRILHOS, DESCARRILADO

Precisava ir a Hansa. Cedo, pelas cinco horas, tomei a bicicleta e parti de Indaial. Warnow ainda estava dormindo quando passei. Acurra, Aquidaban (Apiúna) e Subida passei já com a luz do dia. A ponte entre Subida e Ibirama ainda não existia e a estrada também ainda era somente um projeto. Para ir a Hansa, somente por Morro Pelado, através do Morro do Côcho, muito íngreme e com estrada ruim. Para pegar o trem ainda era muito cedo; mas os trilhos iam até lá. Ao lado dos trilhos havia uma trilha para pedestres. A partir da Estação de Subida fui por esta trilha, beirando o leito da estrada de ferro e esta, beirando o rio Itajaí-Açu.

Quanto mais me afastava de Subida, mais estreita ficava a trilha que havia do lado do rio. Chegou um ponto onde não pude mais ficar no selim. Teimoso como era, tentei ainda, mas escorreguei e caí espetacularmente, barranco abaixo, a bicicleta voando por cima de mim. Por sorte minha, o lugar tinha muito capim alto e arbustos que evitaram a queda até o rio, naquele lugar, um poço profundo. A uns cinco metros da água parou meu tombo e a bicicleta abaixo de mim. Tomei um susto danado e um frio me passou pela espinha quando notei sangue escorrendo pelo rosto. Na queda bati com a testa numa pedra. A bicicleta, mais abaixo, emaranhada no capim, tocava a água com uma roda. Para alcançá-la segurei no

capim e com muito esforço, alcancei a outra roda. Comecei a puxar, mas o guidão se prendia constantemente, dificultando o serviço. Puxando, empurrando, suando em bicas, consegui arrastá-la até o leito da estrada de ferro e, em segurança, tremendo de susto e do esforço extraordinário, todo ensanguentado, devido ao ferimento na testa e arranhões do capim e dos espinhos, sentei nos trilhos para um pequeno descanso. O lenço de bolso logo ficou empapado. Sozinho, sem ninguém por perto, todo abatido, fiquei até me recuperar. Inspecionei a bicicleta que, graças ao bom Deus, estava só com o guidão torto, que logo indireitei o melhor que pude. Aí olhei o barranco, com o capim amassado. Vigoroso e verde, este me salvou a vida, pois evitou a queda até a água e também do meu veículo. Poderia ter ficado sem sentidos, devido à pancada na testa, mas graças ao bom Deus, escapei desta vez. Se tivesse caído no rio, com o veículo, ninguém suspeitava de nada pois não tinha avisado a ninguém, que iria por ali; ficaria desaparecido, talvez para sempre.

Assim, com mais cuidado, prossegui o caminho e logo encontrei uma fonte de água fresca onde pude me lavar e me refrescar. Constatei que, apesar dos arranhões e ferimentos, a roupa ainda continuava razoável; uma mancha de terra aqui outra mancha verde do capim e alguns respingos de sangue; tudo foi possível remover ali mesmo.

Com muito cuidado, prossegui, chegando à ponte de ferro, onde encontrei uma trilha de táboas entre os trilhos, por onde empurrei a bicicleta, alcançando a estação, sem mais empecilhos. O trem estava saindo da estação, partindo para Subida. Tive sorte de não encontrá-lo no caminho.

Fiz os meus negócios em Ibirama (Hammônia). Planejava ir a Dona Ema, mas com o ferimento na testa, resolvi voltar a Indaial. Desta vez, fui pela estrada do Morro do Côcho, chegando

ao anoitecer em Indaial. Quando a minha esposa me viu naquele estado, ficou assustada, mas depois que contei o acontecido, agradeceu à Deus, que desta vez me poupou a vida.

HURRA — TOBOGÃ

Um belo, seco e frio inverno. Fui a Hansa onde cheguei, com a minha bicicleta, na casa do meu cunhado, em Neu-Berlin (Bela Vista). Ele participava de um coro masculino e havia, ensaio naquela noite. Assim, fomos à aula de canto lá no Richard Marmain. Era uma noite agradável, pois me foi possível acompanhar os diversos cantos que estavam ensaiando.

No outro dia, segui para Neu Bremen, passando por Vanselow; atravessei o Rio Hercílio por balsa e cheguei em Neu Breslau. Apesar do frio, comecei a transpirar de calor do esforço. Em Neu Breslau comi um Früstück no Lammle e, atravessando a rua, visitei a loja do Arthur Haertel. A Frau Haertel falou que, apesar do frio, se eu fosse adiante, nos morros, teria que tirar o casaco. O caminho seguia pelo Urú para Donna Emma. Passando pelo Krauel, o calor já se fez sentir e tirei o meu casaco. Chegando no Urú, encontrei o Sr. Machota, carneando um porco.

Pela estrada de barro, fui seguindo morro acima, morro abaixo. A estrada estava seca e as rodas das carroças tinham aplainado o seu leito que até brilhava ao sol. A tarde cheguei em Donna Emma. Pernoitei no Hoffmann, que era meu freguês e amigo. Meu plano era visitar o Stolzplateaux (Witmarsun) para conhecer os Russo-Alemães (Deutsch-Russen) que colonizavam aquela região. No outro dia, cedo, reiniciei as pedaladas, depois de me despedir do Sr. Hoffmann. Não demorou muito e fui obrigado a empurrar a bicicleta, devido aos morros. A manhã era adoravelmente fresca. Nas baixadas, em direção à Donna Emma, a nebulosidade era tamanha

que parecia estar caminhando dentro de algodão, sobressaindo a chaminé da serraria à vapor dos Hoffmann, de onde saía a fumaça preta da queima do cascalho verde que sobrava das toras. Com o aparecimento do sol, a névoa tomou uma cor rosada, puxando para o dourado, nas margens. Uma vista verdadeiramente divina, espetacular, digna de um quadro a óleo. Mas como o caminho subia sempre, deixei o vale para trás, entrando em lugares mais ensolarados e com isto também mais quentes. Logo tirei o meu agasalho de lã, pois comecei a suar.

Cheguei finalmente ao alto do morro, onde se localiza a vila Donna Emma. A estrada se bifurca ali; à direita vai às colonizações mais antigas e à esquerda vai-se até os russos-alemães, que era meu destino. Lá no Johannes Hamm estavam na ocasião matando um porco, para posterior fabricação de linguiça e da sua afamada e apreciada Sülze ou geléia de porco. O senhor Hamm era meu conhecido, já de longa data, pois já estivera na sua casa com a minha filha, casada com um russo-alemão, J.J. Enns, que emigrou junto com Hamm e outros russos-alemães. Visitamos o assentamento destes novos colonos no Plateaux. Naquela ocasião o nosso caminho de subida era outro, pelo outro lado do morro, por uma picada rente às rochas, beirando precipícios, caminho este usado por tropeiros que desciam por ali com o gado, um atrás do outro. Era um caminho mais curto, mas muito mais íngreme, perigoso, fácil para descer mas difficilimo para subir. Por falta de experiência, invertemos o caminho, descendo depois pelo que agora estava subindo. Mas para descer, alugamos uma carroça.

Finalmente cheguei ao meu destino, onde fiz alguns contatos comerciais. Perguntei aos moradores se não havia outra descida, mais adiante. Informaram que havia uma, seguindo pela igreja e passando pela escola. Subidas e descidas se revezaram constantemente, pois

o altiplano é bastante ondulado. Num certo trecho o caminho segue por cima duma crista de morro, com só 30 metros de largura, com precipícios em ambos os lados. Mas, mesmo ali encontrei uma casinha de palmito e palha, de um colono que estava fazendo sua rocinha. Esta é, em geral, a primeira moradia dos recém-chegados, substituída mais tarde por uma choupana construída de tábuas, ainda coberta de palha de palmito, cobertura que mais tarde, será substituída por tabuinhas ou por telhas. Mas a casa que encontrei ali, ainda estava na primeira fase. Paredes de palmitos rachados, cobertura de folhas de palmito e tão baixa que, esticando a mão, alcançava-se o tecto. Segui adiante e encontrei uma serraria a vapor, onde praticamente o caminho terminou para veículos. Minha intenção era não repetir um mesmo trecho de estrada. Fui informado que havia uma descida, uma picada que acompanhava um cabo de aço, que servia para descer toras de madeira. Descer as toras por este precipício não dava, pois chegariam lá em baixo completamente rachadas, não servindo mais para serem serradas. Com o cabo de aço, a descida era lenta e segura.

Achei a picada e fui seguindo, mato a dentro, descendo em zigue-zague até o Urú. Com a minha bicicleta atravessada na minha frente, contornei grandes rochas e precipícios. Algumas esquinas eram difíceis para contornar, mas sempre achei um jeito de seguir adiante, pois voltar não era mais possível. Quando como costela na braza, cheguei finalmente a um pasto. Diversas toras de madeira, totalmente estraçalhadas, estavam espalhadas; provavelmente se soltaram do cabo lá no alto do morro e terminaram ali, imprestáveis, servindo só para lenha. Cedro, canela, que pena! Com esta descida na qual gastei aproximadamente trinta minutos, economizei diversas horas se fosse feita pela estrada. Valeu à pena. Era como num tobogã, tantas eram as escorregadas que le-

vei. Os moradores do local se admiraram quando cheguei, daquele lado, com bicicleta. Usam constantemente esta picada, mas só à pé. Novamente fui, pioneiro, e mais uma aventura vivi, e isto é que vale. Viva a vida!

ENCURTANDO DISTÂNCIAS

Em outra ocasião, mas novamente em terras da Hansa (Ibirama), o meu destino era novamente Donna Emma; mas também havia algo a fazer no Scharlach, para onde me dirigi primeiro. Terminei os meus negócios ali e perguntei se havia uma passagem de lá diretamente para Donna Emma. Havia, sim. Informaram que deveria cruzar o rio, tomar uma picada que sobe até chegar no alto do morro da Boa Vista, onde tem a serraria do Schlater, seguir o Gancho e lá no Marreco, cruzar o rio numa balsa, que eu mesmo deveria conduzir, presa a um cabo de aço; se estivesse no outro lado, havia uma corda para puxá-la para o lado de cá. Aí, chega-se ao Andreas Schwarz em Donna Emma a quem eu queria visitar. A bicicleta provavelmente vai incomodar muito na subida, pois andar nela não dá. Mas isto pouco me incomodou; estava acostumado a empurrá-la.

Cruzei o rio com um barqueiro que me indicou o começo da picada e logo começou a subida. A bicicleta, como era esperado, fui empurrando e puxando, levantando por cima de árvores caídas, conduzindo-a por dentro de um riacho, que substituiu a picada por um bom trecho, sempre subindo, passando por rochas e capim alto. Mesmo acostumado com trechos assim, esta subida foi bastante cansativa; sentava-me uma ou outra vez, para descansar e para tomar fôlego. Já estava começando a escurecer e eu ainda no meio do mato. Nada de clareiras e a subida não queria terminar. Finalmente já completamente esgotado, ví o mato clareando e o terreno se aplainando. Cheguei ao topo.

Mais um pouco e encontrei uma roça. Já era noite escura. Aí vi luzes se movendo e logo vislumbrei uma choupana onde dois rapazes estavam se aprontando para saírem. Estes, quando me viram saindo da roça, me olharam assustados. Perguntei quem eram, e disseram que eram empregados do Schlater, da serraria, que morava logo adiante. Encaminhei-me para lá, acompanhado pelos rapazes; perguntei se poderia pernoitar ali, o que me foi permitido, depois de me identificar. Ficaram muito admirados quando viram a minha bicicleta. Até eu me admirei ter chegado lá com a mesma. Ofereceram comida e bebida e uma cama, que logo aproveitei, pois estava completamente esgotado.

Começou uma chuvinha que foi engrossando e se prolongando até o outro dia. Isto para mim não prestou, pois a estrada, não tinha macadame; era um lamaçal só, impossível até para empurrar a bicicleta. Fiquei lá mais um pouco e resolvi encerrar o meu percurso, deixando de ir ao Gancho e Marreco para alcançar Donna Emma, que ficou para outra ocasião.

Engatando a ré, como se diz, tomei o caminho de volta, desta vez pela estrada para Boa Vista até Nova Bremen. Me despedi dos Schlater, que, colocaram uma carroça a minha disposição, o que rejeitei e voltei a empurrar e carregar a bicicleta morro abaixo, pela lama e água da chuva. Após duas horas, vi de longe a torre da igreja de Nova Bremen; a estrada melhorou, o que permitiu pedalar. Cheguei ao rio, atravessando-o de balsa, e aí, pelas onze horas cheguei à casa dos Fromm, meus conhecidos, no Cavalinho Branco. Molhado e sujo da lama. Como por ironia, saiu o sol, tímido, mas constante. Meu cansaço era tamanho que pedi à Frau Fromm para permanecer lá, para descanso.

Tomei um banho, comi um pouco e me ofereceram uma cama, que logo aproveitei, dormindo até as três horas da tarde. O sol tinha secado a minha

roupa que a boa Frau Fromm tinha limpa e colocado no varal. Depois de tomar um café, fui ao ribeirão onde lavei os meus sapatos e a bicicleta. A estrada já tinha secado, e assim, me despedi, agradecendo e fui a Neu-Breslau. Lá no Laemmle pernoitei, mas perdi a coragem de seguir até Donna Emma; resolvi voltar para casa.

Assim terminou a minha viagem, durante a qual tentei encurtar distâncias, mas que no meio do caminho, fui forçado a disistir, perdendo precioso tempo. Chegando em casa, contei aos meus amigos o que tinha passado e colhi rizadas pelas peripécias passadas. Mas, será que eu fui o culpado? Com certeza não encomendei a chuva que me impossibilitou levar esta viagem a bom termo. Bem, desta vez não deu. Puro azar.

TRANSPONDO A SERRA VENCIDA

Mais uma vez, pedalando a minha bicicleta, fui a Hansa e até Donna Emma. Pernoitei em Neu Breslau, no Laemmle. Saí cedinho e fui ao Ribeirão Ferro, beirando o Índio. Meu destino era a região de Rio do Sul, mas ali havia a Serra Vencida e me informaram que era possível atravessá-la, saindo em Matador. Até tropas de gado já haviam feito esta travessia. Bem, onde caminham bois, o homem também passa. Mas, será que passa com bicicleta? O jeito era tentar. Já tinha experiência em encurtar distâncias, algumas com êxito, outras com fracasso, mas, passando aquela serra, não precisava voltar até Ibirama, para de lá, subir para Rio do Sul, evitando a serra da Subida e Lontras, economizando forças e tempo.

Assim pensando, subi o "Tucano". Subindo sempre cheguei ao pé da Serra Vencida, tendo empurrado a bicicleta por diversas vezes. Lá encontrei um carro de boi, descendo a serra, pois na divisação das águas havia a serraria do senhor Klink, tocada a vapor. Tomei as

trilhas do carro de boi e, em zigue-zague, fui empurrando e puxando a bicicleta. Finalmente cheguei ao topo e encontrei a serraria. Apesar do frio, suei muito, molhando o lenço de bolso. Tomei uns goles de água fresca e perguntei pelo Picadão para Rio do Sul. Fui informado a seguir sobre a trilha do carro de boi. Seguindo a trilha, encontrei, após algumas centenas de metros, o picadão. Empurrando, puxando ou carregando o meu veículo, fui vencendo distâncias. Passagens estreitas, beirando precipícios, eram comuns e exigiam mais esforço. Mas finalmente tive a vista livre para o vale do ribeirão Itoupava, que dá para Matador. O caminho agora era mais fácil e mais largo, terminando numa roça. Atravessei-a e cheguei na casa de um colono, e assim ao Vale da Itoupava. Então pude pedalar a bicicleta e logo encontrei a estrada geral para Matador, passando antes por uma balsa, sobre o rio Itajaí. Assim, transpus a Serra Vencida com bicicleta. Desta vez consegui encurtar distâncias e economizar algumas horas de viagem. Apesar do esforço, valeu a pena, pois cheguei são e salvo ao meu destino, incluindo no meu currículo, mais uma aventura.

DE BRAÇO DO TROMBUDO PARA TAIÓ

Saindo de Braço do Trombudo, onde visitei os Sievert, Hoeltgebaum e Plaster, meus conhecidos de Indaial, que haviam se mudado para lá, cheguei ao pé da Serra da Miséria onde o senhor Max Mayr abriu uma loja com salão. Uma igreja tinha sido construída, na qual foi colocada a figura de uma santa que o Sr. Mayr tinha achado numa gruta, uma "Nossa Senhora" não sei de quê, não me lembro do nome. E, justamente hoje era para ter uma festa naquela igreja. Já por duas horas estavam esperando a chegada do padre, procedente de Rio do Sul. Já eram quase onze horas e nada do padre. O povo

já estava ficando impaciente e começou a reclamar junto ao genro do Sr. Mayr, exigindo que ele mesmo oficiasse a missa. Fui convidado a participar da festa. Mas eu não tinha tempo a perder, pois o meu destino era Lages; mas a estrada para lá não era nada convidativa. Já no pé da serra era possível enxergar bom trecho da subida, em zigue-zague. Perdi até a vontade de seguir adiante.

Anos antes, fiz este trajeto a pé, saindo de Blumenau até a Subida com o trem, e levei quatro dias até Lages. Esta caminhada não era nada agradável, devido às constantes subidas das serras. Por quatro vezes tivemos de cruzar o Rio Pombinhas que aqui fazia grandes curvas. Não havia pontes. Eramos quatro pessoas e a carga era transportada por dois cavalos, que também montávamos em revezamento. As travessias do rio eram feitas no lombo dos cavalos, sempre de dois em dois. Era muito difícil, mas sempre conseguimos. Depois subimos pelo Picadão, usando o caminho das tropas de gado, onde as patas e cascos dos animais haviam deixado muitos buracos, geralmente cheios de lama. Por duas noites dormimos em pleno campo. Os cobertores que tínhamos levado eram insuficientes para o frio noturno e numa noite apanhamos uma boa chuva. Mas por sorte, naquela noite, achamos um rancho abandonado que nos deu a proteção necessária. Mas isto já faz muitos anos.

Hoje, vendo a subida na minha frente, recordo novamente daquela aventura. Hoje existe a estrada do Sindicato, que naquela ocasião ainda não existia. Apesar disso, desisto de Lages e sigo outro caminho, num trecho pouco povoado, subindo e descendo. Tinha que empurrar a bicicleta por diversas vezes. Passei por umas cruces no caminho, certamente um cemitério velho abandonado.

(Continua no próximo número)

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Instituída pela Lei Municipal nº. 1.835, de 7 de abril de 1972.
Alterada pela Lei Complementar nº. 108, de 22 de dezembro de 1995.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nº. 2.028, de 04/09/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº. 6.643, de 03/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza
Cultural do Ministério da Cultura, sob o nº. 42.002219/87-50,
instituído pela Lei nº. 7.505, de 02/07/86.
89010-001 BLUMENAU Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO :

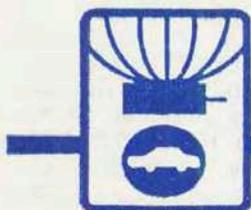
- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU, MANTÉM :

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação.

DIRETORIA :

Presidente : Altair Carlos Pimpão
Diretor Administrativo-Financeiro : Valter T. Ostermann
Diretor de Cultura : Lygia Helena Rousseno Neves
Diretor Depto. Histórico Museológico : Sueli M. V. Petry



Consórcio
Breitkopf

COMPROVADAMENTE SEGURO

DISQUE CONSÓRCIO — 326-2000

Rua São Paulo, 2001 — BLUMENAU · SC

HERING
T Ê X T I L

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de qualidade.

Para todo mundo. Em todos os tempos.